

10. Conflitos, discursos e acontecimentos

CONFLITOS: POSITIVOS OU NEGATIVOS?

George Mead (1972) vê o *conflito* de forma negativa. Ele associa esse conceito aos termos “desintegração”, “desorganização”, “hostilidade” e “destruição”. Para o autor, o ser humano tem dois tipos de impulsos: os que conduzem a posturas amigáveis e os que conduzem a posturas hostis. Enquanto os primeiros seriam impulsos propriamente “sociais”, os segundos seriam, na verdade, “antissociais”. O autor não vê o conflito como algo inerente à vida social, mas sim como um *problema*, um obstáculo a ser superado. Dessa forma, as ações coletivas que visam a mudança social poderiam ocorrer por causa do conflito, mas nunca por meio dele. Os resultados positivos seriam alcançados apenas por meio do compartilhamento de interesses.

Diversas vezes, os jogadores do ManoTauros e do Bhabixas também apresentaram uma visão do conflito como algo negativo. Cláudio (ManoTauros, 2023), por exemplo, demonstrou esse pensamento em relação à disputa entre as equipes: “porque as outras equipes pregam muito aquela rixa de disputa, de competição, de quem é melhor, de quem não é melhor. Nós não temos nada disso”. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) revelou visão semelhante em relação à

rivalidade: “coisas que acontecem quando se sai de um time e funda outro. Acaba que se torna rival. Mas hoje, graças a Deus, não existe mais essa rivalidade. Então, é coisa do futebol, que vamos melhorando a cada ano os pensamentos”. Ângelo (ManoTauros, 2018) também via o conflito com o BhARBixas como algo negativo: “a gente não quer rival, a gente quer alguém pra apoiar, sabe? Pra fazer ações juntos”. Em conformidade com os ideais apresentados por Mead, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) apontou, ainda, como o fim das disputas entre os times de Belo Horizonte teria sido algo positivo na história do futebol LGBTQIAPN+ na cidade: “e, aí, aconteceu uma coisa bacana, que esses times eram tudo desunido, todos brigavam. E, aí, sei lá o que aconteceu, eles mudaram a chave. Passaram a ser times, digamos, colaborativos”. Pedro (BhARBixas, 2018) trouxe uma ideia de consenso como forma de resolução de conflitos no seu time.

Eu acho que a gente se resolve muito bem, principalmente agora com a periodicidade das assembleias que tão acontecendo, sabe? A gente traz tudo pra assembleia, as questões importantes a serem debatidas, e, dentro da assembleia, a gente faz uma deliberação. O que precisa ser votado é votado, pela maioria mais um. (Pedro, BhARBixas, 2018)

No entanto, é possível entender o conflito de uma maneira oposta à apresentada por Mead. Em Georg Simmel (1983), encontramos a caracterização desse conceito como algo *fundamental* para a dinâmica da sociedade. Esse autor entende que a vida social tem *forma* e *conteúdo*. Os impulsos que nos levam a nos relacionarmos uns com

os outros são o conteúdo da vida social. Eles podem ser de inúmeros tipos, tais como: querer companhia, precisar de ajuda, desejar sexo, não conseguir resolver um problema sozinho, sentir-se desprotegido etc. Eles, em si, não são sociais, mas é a partir deles que a vida social assume diferentes formas, por meio do processo que o autor chama de *sociação*. Enquanto a cooperação pode ser uma dessas formas, frequentemente o conflito é, para o autor, uma das mais potentes. Isso porque Simmel entende a sociedade tanto como o estar “*com o outro*” quanto como o estar “*contra o outro*”. Dessa forma, o autor vê a oposição como inerente à vida social.

Se Mead vê o conflito como algo disruptivo, Simmel pensa de forma contrária. Para ele, essa forma de relação surge como resposta aos fatores de dissociação, afinal, “ódio, inveja, necessidade, desejo [...] são as *causas* do conflito; este irrompe devido a essas causas e para solucioná-las. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade” (*ibidem*, p. 122, grifo do autor). Dessa forma, o conflito não degenera os laços sociais, mas sim surge como uma forma de unir lados com interesses contrários. O conflito ajuda na coesão porque muitas vezes é a única forma possível de colocar em comum situações de incompatibilidades entre grupos com interesses distintos. Simmel frisa que o que impede a existência de vínculos sociais é a *indiferença*, não o conflito.

A partir das divergências existentes entre o Bharbixas e o Mano-Tauros, portanto, o conflito surgiu como a maneira possível de relação entre esses dois times. A cisão não fez com que uma indiferença

e, portanto, uma falta de relação se estabelecesse. Um se tornou um outro significativo para o outro, mas com uma relação baseada na oposição. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que uma relação conflituosa era o caminho natural, em um primeiro momento, após uma divisão de times: “eu acho que, de maneira geral, sempre quando há essas divisões entre clubes, foi assim Bharbixas/ManoTauros, o primeiro impacto é essa desconfiança e essa divisão. E toda divisão gera um desgaste, né?” No entanto, é preciso indicar que, em nenhum momento, os entrevistados demonstraram ver a rivalidade entre os dois times como uma forma de união entre eles, demonstrando uma possível ausência de reflexividade sobre o caráter *necessário* da rivalidade.

Apenas quando a relação de poderes entre os times de Belo Horizonte se reorganizou a partir da pandemia é que isso mudou. A rivalidade existente entre os dois times passou a não fazer mais sentido na medida em que o que os unia, que eram os conflitos em campo e os conflitos em torno da manifestação de gênero de seus membros, deixou de ser relevante. Com isso, a indiferença se tornou muito mais presente.

Enquanto o Bharbixas teve ativo na parte de futebol, sempre teve a rivalidade. Porque sempre teve alguns jogadores que eram de lá e vieram pra cá, então, fica aquela disputa. Mas, assim, o Bharbixas também não tá nas atividade esportiva mais com o futebol. Então, assim, bem que sumiu. E, na mudança de presidência também... trocamos muitos jogadores. Então, assim, a partir do momento que eu entrei, assim, isso acabou.

Não tem mais essa rivalidade entre equipes. (Cláudio, Mano-Tauros, 2023)

Em alguns momentos, os jogadores com quem conversei também demonstraram uma visão positiva do conflito. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), por exemplo, ao falar da luta pela inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, lembrou da Revolta de Stonewall³⁶, apontando que ela gerou resultados positivos: “assim como, por exemplo, a Revolução de Stonewall, que pessoas que precisaram lutar, ali, pra terem direitos. Claro que hoje é uma escala totalmente diferente, né? Eu não tou nem comparando aqui...” Lúcio (Bharbixas, 2023) também lembrou do enfrentamento que pessoas afeminadas e trans tiveram que realizar para que o restante da comunidade tivesse as possibilidades que têm hoje.

Assim... se não fosse pelas pessoas afeminadas, né? E, principalmente, as pessoas T da nossa sigla. A gente sabe que a gente não taria onde a gente tá hoje. Então, a gente tem que, cada vez mais, dar força e visibilidade pra essas pessoas sim, porque são elas que pavimentaram todo o caminho pra gente tar aqui, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

36 Um violento conflito entre policiais e pessoas LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos, em 1969. Foi desencadeada por uma das frequentes batidas policiais no bar Stonewall Inn, em Nova York. É considerado um marco histórico na luta por direitos dessa comunidade e o evento que impulsionou o desenvolvimento do movimento LGBTQIAPN+.

Já falando sobre as mulheres trans que teriam participado do Champions LiGay, Lúcio (Bharbixas, 2023) também apontou a força da luta empenhada por elas: “elas vieram chutando... metendo a bicuda na porta, assim... [risos] Então, foi maravilhoso”. Vê-se uma visão do conflito marcada pelo heroísmo e pelo pioneirismo de quem enfrenta uma situação para conseguir direitos e representatividade. O conflito aparece, portanto, mais legitimado quando está relacionado a uma luta contra preconceitos, dentro ou fora do futebol LGBTQIAPN+, e menos legitimado quando está relacionado à competitividade e rivalidade entre os times.

Simmel explica que o conflito também ajuda na *união* dos membros do mesmo grupo, uma vez que esses indivíduos precisam se organizar e juntar forças contra um adversário em comum. Isso auxilia não apenas o próprio grupo, mas também o grupo rival, uma vez que a articulação de um grupo faz com que o outro tenha uma visão mais nítida do seu adversário, podendo estabelecer a melhor forma de se colocar em relação a ele. De qualquer maneira, para Simmel, o conflito é inevitável até mesmo do ponto de vista *intergruppal*. Isso porque um grupo composto por pessoas que compartilham totalmente os mesmos interesses é empiricamente impossível. A união entre membros de um mesmo grupo pode ser vista, por exemplo, no movimento em que os diversos times LGBTQIAPN+ uniram-se contra um adversário comum, o futebol cisheteronormativo. É isso o que fizeram o ManoTauros, o Inconfidentes Pride, o Felinos e o Predadores, como apontou Ângelo (ex-ManoTauros, 2023): “fez um juntuzinho no ManoTauros, e eles foram os campeões”. Por outro lado, o

conflito intergrupal é evidente na discussão que fizemos ao falarmos sobre as cisões pelas quais o Bhārbixas passou devido a desavenças e opiniões contrárias internas ao time, como a tensão entre festa e futebol, retomada por Ângelo (ex-ManoTauros, 2023): “um racha entre, digamos, a social do Bhārbixas, os meninos que gostavam de pelada, contra os meninos do futebol [competitivo]”.

Para Simmel, o conflito é a negação da unidade. Nesse sentido, podemos pensar que ele carrega um potencial muito grande para os grupos minoritários e subjugados, uma vez que a unidade é bastante perigosa para aqueles que não detêm o controle sobre ela. Dessa forma, o conflito exerce um papel fundamental nas dinâmicas de *formação e dissolução de grupos*. Algumas vezes, indivíduos que não pertenciam previamente a um grupo se unem para enfrentar um inimigo em comum, e essa união pode acabar se mantendo mesmo depois da resolução desse embate. Assim, Simmel acredita que *conflito e solidariedade* não são antagônicos, mas dinâmicas que operam juntas.

Algumas vezes, os jogadores com quem conversei enfocaram a união dos times enquanto grupo. É o que apontou Pedro (Bhārbixas, 2018): “é muito bacana porque a gente meio que tá montando uma família, sabe? Eu, por exemplo, nunca tinha feito amizade com outros homens gays. E, de repente, me vejo cercado de um monte de pessoas parecidas comigo, e que a gente forma laços”. Roberto (Bhārbixas, 2018) apresentou um discurso semelhante.

Sempre saímos depois das peladas pra tomar uma. E o time virou uma família. Não é só pelo futebol mais. Tudo eles fazem

junto. No carnaval, todos saíram juntos. Na parada, todos juntos. Aniversário de um, tá todo mundo junto. Todo final de semana vai pro Banzai³⁷, todas essas festas no Mercado³⁸, na Fábrica³⁹, o time tá junto. Então, o time virou algo muito além do só o futebol, entendeu? Então, tem sempre esses momentos lúdicos e também as viagens pra disputar campeonato. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) me mostrou como ele ainda se via como pertencente ao Bharbixas, enquanto grupo, mesmo que estivesse morando no exterior e só participasse das peladas quando vinha ao Brasil. Quando, no início da entrevista, eu me referi a ele como “ex-membro do Bharbixas”, ele imediatamente me corrigiu: “atualmente, eu não sou membro ativo de jogar aqui, mas eu continuo fazendo parte do time no grupo”. Em outros momentos, porém, os jogadores destacaram os cenários de conflitos intergrupais que acabaram levando às separações citadas anteriormente. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), por exemplo, apontou como a tensão entre competitividade e inclusão enfraquecia a unidade do Bharbixas.

O que acontece: o Bharbixas tem algumas questões políticas, ideológicas e que aconteceram no Bharbixas, que têm muito a

37 Bar localizado no Centro de Belo Horizonte.

38 Mercado Novo, também no Centro da cidade. Funciona como mercado durante o dia, mas também conta com bares no piso superior.

39 A Fábrica, casa de shows de Belo Horizonte que abriga apresentações e festas de funk, música eletrônica, *rock*, etc.

ver com essa questão de competitividade e inclusão. E eu acho que isso chegou em algum aspecto que, na questão da cobrança de “a gente precisa ser mais inclusivo”, “a gente precisa ser isso”, de uma militância exacerbada, fez com que algumas pessoas também não se sentisse mais bem naquele ambiente. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) fazia uma separação. Ele defendia que a criação do ManoTauros havia ocorrido mais por questões “ideológicas”, enquanto a do Inconfidentes Pride mais por essas questões relacionadas à competitividade.

Aquele racha que teve lá [ênfase no “lá”] em 2017 foi um racha mais ideológico. Quando surge o Inconfidentes... O Bharbixas tinha um racha interno. Os meninos do recreativo, da pelada, e os que tinham treino. Então, eles já eram separados. Os meninos que treinam tinham treino competitivo. E tinha uma pelada no domingo, que era pras pessoas que, entre aspas, não sabem jogar futebol ou não são competitivas, mas queriam brincar de futebol. Então, essa pelada do Bharbixas era muito famosa. Ia muita [ênfase no “muita”] gente. Tinha um clima totalmente não competitivo, um clima mais de recreativo mesmo. E tinha separado esses meninos. Esses meninos saíram do Bharbixas e montaram o Inconfidentes. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023), por outro lado, atribuía a criação do Inconfidentes Pride às questões relacionadas às diferenças de opinião

sobre as medidas de prevenção contra a pandemia, apontando para outro conflito interno.

Foi nesse período, aí, da pandemia, né? Os meninos tavam treinando, mesmo a gente havendo conversado que não era o certo, ou a instituição Bharbixas não concordava em treinar e tudo. Então, houve esse rompimento, né? Os meninos continuaram treinando a pandemia inteira, e eu não concordei. Eu falei: “gente, então, assim, estamos seguindo objetivos diferentes, caminhos diferentes aqui. Então, eu acho que, né, não tem por que a gente remar na mesma direção mais, né? Cês podem... não tem ressentimento algum. Fiquem à vontade pra criar um novo time”. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Em outros momentos, os jogadores desenvolveram os tópicos relacionados à união entre diferentes times ou grupos. É o que Daniel (ex-Bharbixas, 2023) apontou sobre a relação do Inconfidentes Pride com o Felinos.

Eu treinava numa quadra, eu consegui o espaço pro Felinos começar a treinar na quadra também, no mesmo horário que a gente. Porque eram duas quadras, um do lado da outra. Isso pagando um valor menor, porque as quadras são bem caras, né? E isso foi ajudando a ficar mais unidos. Hoje, existe uma união muito maior entre as equipes. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Roberto (Bharbixas, 2018), por sua vez, falou sobre a relação entre mulheres e gays como dois grupos com interesses e afinidades em comum.

Primeiro ponto é que os dois lutam por tolerância e aceitação, porque a mulher sofre machismo, e o homossexual sofre da homofobia. Então, eles encontram – e dizem que na fraqueza as pessoas se unem – aí, eles encontram um ponto de fraqueza em comum pra unir forças e lutar contra normalmente quem comete o machismo e a homofobia, que normalmente é o mesmo perfil, é um homem hétero cis e... Mas não só, gays também são machistas, próprias mulheres também. Então, assim, mas, no geral, eles se unem nesse ponto. Segundo ponto é uma questão de protesto, de manifestação pra chamar a atenção mesmo. Como o hétero cis quando comete a homofobia, ele fala “ah, sua bichinha”, “mulherzinha”, não sei o quê... o cara vai e veste de mulher mesmo e vai lá e fala: “sou memo”. Dá um tapa de luva. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) realizou uma observação interessante ao evocar a máxima de que os indivíduos (ou grupos) se unem em momentos de fraqueza. Mas também relativizou essa união, ao apontar que, apesar dela, gays também podem ser machistas – e até mesmo mulheres, dentro do seu próprio grupo. Assim, é possível observar uma reflexividade frequente sobre a formação e dissolução de grupos por meio do conflito por parte dos jogadores entrevistados.

Entretanto, Simmel ressalta que o conflito tem um potencial *ambivalente*, pois, ao mesmo tempo que pode responder de forma potente às diferenças de interesses, também pode gerar efeitos perversos. O autor destaca que o conflito pode levar a muitos ganhos, como a tradução intergrupal que permite a explicitação de posições.

Mas, por outro lado, pode também gerar consequências negativas como a violência e a tentativa de *aniquilação* do outro.

Pedro (Bharbixas, 2018) afirmava que a recepção das pessoas ao time, em geral, era boa. No entanto, esse não era sempre o caso: “é lógico que, assim, dentro das redes sociais, por exemplo, não é raro um comentário homofóbico, não são raras ameaças de pessoas falando que, se souberem onde é que a gente joga, vai lá pra quebrar todo mundo na porrada, esse tipo de coisa”. Nessa direção, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) explicou que alguns dos integrantes do Bharbixas tinham medo de participar de campeonatos convencionais: “a gente teve alguns meninos que nunca haviam competido, que tinham muito medo da reação das pessoas. Os meninos tinham muito medo de participar, de serem agredidos, de ter isso”. Transcendendo o medo e fazendo referência a um contexto de violência concretizado no país, Lúcio (Bharbixas, 2023) lembrou da violência contra pessoas LGBTQIAPN+ ao falar sobre o surgimento do futebol praticado por essa comunidade: “eu, pelo menos, nunca imaginei que ia acontecer no Brasil. No Brasil, um país que mais mata LGBTs, pessoas ‘Ts’ no mundo, sabe?”. Além dessas reflexões sobre tentativas ou concretizações de processos de aniquilação envolvendo pessoas LGBTQIAPN+, Ângelo (ex-Mano-Tauros, 2023) relatou um tipo de aniquilação de um indivíduo dentro do seu time, enquanto grupo. Um membro do ManoTauros foi expulso contra a vontade dele: “eles chegaram a expulsar um menino, que eu achei injusto. Aí, eles fizeram votação, deu 16 votos a 1 a favor do menino sair. Só eu que votei contra”.

Mas não é apenas sobre o papel do conflito na sociedade que Simmel se distingue da abordagem de Mead. O entendimento deles

também difere em relação ao papel do conflito na *consciência individual*. É que Mead vê a dinâmica entre o eu e o mim como a simulação de um ato social que visa o consenso. Por outro lado, Simmel entende que o *conflito interno* é tão importante quando o conflito entre os grupos, sendo também marcado por tendências variadas e contraditórias. No entanto, esse autor acredita que o conflito não se opõe à coesão, pois o embate gera, de forma produtiva, uma só consciência: “provavelmente, muito do que somos forçados a apresentar a nós mesmos como sentimentos misturados, como combinação de muitos impulsos, como competição de muitas sensações opostas, sejam inteiramente coerentes consigo mesmos” (*ibidem*, p. 129). Do mesmo modo, os conflitos entre grupos podem estar direcionados para a construção de uma composição coerente. No entanto, o conflito que opera na consciência dos indivíduos também tem potencial ambivalente, podendo aniquilar subjetividades, assim como o conflito concreto pode aniquilar sujeitos. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relatou como foi o seu conflito interno em torno de sua sexualidade na adolescência.

Até os meus 16 anos, eu sempre reprimi. É uma fase que é uma fase muito turbulenta. É uma fase de autoconhecimento. E eu tive que me reprimir, nessa época, porque eu queria seguir um sonho de ser jogador de futebol. E isso me afetou muito, porque chegou um momento que eu já não me sentia bem, não me sentia feliz ali. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Pedro (Bharbixas, 2018), por outro lado, relatou como o conflito que vivia externamente em relação ao futebol acabou levan-

do a uma espécie de aniquilação interna da sua subjetividade em relação a esse esporte.

Perto da minha casa, na cidade que eu cresci, tinha uma quadra, e eu costumava jogar lá. Eu era teimoso, sabe? Ninguém que tava lá queria que eu jogasse com eles, mas eu ia lá e jogava mesmo assim. Mas, com o tempo, à medida que eu fui crescendo, eu fui perdendo a paciência e larguei o futebol de lado, parei de praticar, porque era um lugar onde eu não era bem-vindo e eu cansei de ficar dando murro em ponta de faca, digamos assim. (Pedro, Bhargava, 2018)

Assim, como apontado anteriormente, vê-se aqui a possibilidade de aniquilar sexualidades LGBTQIAPN+ ou identificações com o futebol devido ao conflito interno que pode se estabelecer entre os dois.

DEFINIÇÃO DA SITUAÇÃO

William Thomas (1923) aponta outro papel importante do conflito para a vida social, indicando que ele faz parte de todo e qualquer processo interacional. Isso porque existem diferentes definições da situação que determinam a forma como os indivíduos se posicionam a cada momento. A *definição da situação* é a seleção cognitiva dos elementos capazes de explicar e organizar um momento interacional. No entendimento de Thomas, “a definição da situação é equivalente à determinação da vagueza” (*ibidem*, p. 81). Nas sociedades tradicionais, não havia muita vagueza a ser determinada. Isso porque um

único entendimento a respeito de cada tema era imposto a todas, todos e todes. No entanto, nas sociedades modernas, quase todas as situações tornaram-se vagas. Dessa forma, há *definições rivais da situação* em torno de inúmeros tópicos, como religião, sexualidade, educação dos filhos etc. O que algumas pessoas entendem como um pecado, por exemplo, outras podem entender como algo natural – basta pensar nos debates em torno dos relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero. Nesse aspecto, um time de futebol composto por pessoas LGBTQIAPN+ também é capaz de suscitar entendimentos muito distintos entre si.

O conflito surge, nesses processos, a partir do momento em que os indivíduos introduzem *novas definições da situação*, posicionando-se de uma maneira diferente em relação aos valores convencionais, alterando os planos de ação e, por isso, gerando “desordem” e desarranjo das normas vigentes. Cada indivíduo realiza a sua definição da situação, mas isso não é feito de forma autônoma. Há uma série de definições gerais da situação compartilhadas pelo grupo ao qual o indivíduo pertence. Por isso, há um tensionamento entre as definições da situação espontâneas do indivíduo e aquelas que o grupo lhe provém.

Nesse sentido, por ser uma redefinição do futebol convencional, o futebol LGBTQIAPN+ sempre vai se construir em cima da definição tradicional do futebol. Entretanto, como o surgimento do futebol LGBTQIAPN+ redefine o lugar de pessoas não cisheteronormativas nesse esporte, essa redefinição gera conflito. Mesmo dentro desse movimento há definições concorrentes, como a tensão entre “festa” e “futebol” que marca o início do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Nesse sen-

tido, Ângelo (ManoTauros, 2018) apontou para uma situação em que, para ele, o futebol estava sendo enquadrado como “circo”.

Durante a LiGay, colocaram o som muito alto. Muito alto. E, aí, o menino do Bravus foi e falou assim: “olha, o som não pode tar alto, que é impossível escutar o apito”. E o menino que organiza, que é o do BeesCats, falou: “ah, mas as pessoas não tão aqui só pelo futebol. As pessoas vieram ver pela música”. Tipo, como fosse um circo. Circo mesmo, no sentido: “ah, veio aqui por ver o gay dando cambalhota, fazendo performance, não veio aqui pra ver futebol”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relembrou da disputa entre inclusão e competitividade, duas formas distintas de definir o tom do futebol LGBTQIAPN+, e como ela marcou a cisão entre Bharbixas e ManoTauros.

Tinham dois jogadores [Eduardo e Ângelo], na época, que eram do Bharbixas, e que tinha muito essa questão de inclusão versus competitividade. Elas achavam que, da forma que o Bharbixas era, as coisas não eram levado a sério, mesmo depois de ter sido campeão. Então, eles acabaram se dividindo... e essas duas pessoas saíram do Bharbixas e montaram uma outra equipe, que foi o ManoTauros. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele também estendeu essa mesma disputa para o contexto da história dos times LGBTQIAPN+ em geral.

A proposta inicial do Bharbixas, eu acho que, no contexto geral, né, do futebol LGBT, era uma proposta de inclusão

mesmo, de agregar todas as pessoas LGBTs. Inicialmente, sem ser de forma competitiva. Era só pra que as pessoas se juntassem, e aquele movimento ali fizesse com que pessoas que, por exemplo, que não conseguiram jogar futebol na infância, conseguisse jogar ali, por exemplo. Ter um espaço seguro pra que essas pessoas pudessem praticar o futebol sem nenhum julgamento, sem questões de, por exemplo, de técnica. Onde as pessoas fossem ali e se divertissem. Esse era o princípio de todas as equipes LGBTs, né, que depois acabou se tornando uma coisa muito mais competitiva, e perdeu-se um pouco dessa inclusão. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Também Daniel (ex-Bharbixas, 2023) revelou como os “times hétero” contra os quais o Inconfidentes Pride jogava definiam a situação ao saber que jogariam com um time LGBTQIAPN+.

Inicialmente, é sempre a piada, né? Porque a gente chega lá... a braçadeira de capitão, por exemplo, são as cores do arco-íris. Sempre tem uma alusão à bandeira LGBT nas camisas. Tem a logo da LiGay nas camisas, então, o primeiro aspecto é sempre de piada, de piadas machistas, homofóbicas. É sempre isso. A gente tá ali na hora do aquecimento e tá ouvindo piadinhas. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

É interessante notar que o que define a situação como piada para os times adversários é, em grande medida, os símbolos que o time carrega, como as cores da bandeira LGBTQIAPN+. No entanto, Lúcio (Bharbixas, 2023), falando sobre a participação do Bharbixas

em “campeonatos hétero”, apontou como essa situação é redefinida pelos times. Inicialmente vistos como piada, eles passam a ser vistos como adversários de respeito.

E, vira e mexe, acontecia, infelizmente, algum comentário fora de quadra, né, alguma situação desagradável. Mas a gente respondia com o futebol. Então, a gente jogava lá de igual pra igual com os times, e o pessoal: “nossa, mas os viado jogam muito, os viado jogam bem” e tal. Aí, fala: “ah, é pois é! É pra isso mesmo que a gente tá aqui, né, pra ficar...”, sabe? Então, a gente retrucava eles, mostrando o nosso futebol, mostrando que a gente também é pertencente nesse espaço, a gente também merecedor de estar ocupando esse espaço. (Lúcio, BhARBixas, 2023)

Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) é outro jogador que falou sobre essa reconfiguração da situação feita pelos times nos campeonatos convencionais: “hoje, já... exatamente por mostrar nosso valor, já não se tem a visão que é um time gay, então será fácil vencer. Nós conseguimos dentro de campo se impor e mostrar quem somos”. Lúcio (BhARBixas, 2023) também apontou que as piadas são uma forma de definição da situação para as pessoas LGBTQIAPN+ no futebol convencional, indicando-lhes que não pertencem àquele espaço.

O povo tinha algumas piadinhas, tinha algumas coisas de cunho homofóbico, que eles faziam entre eles mesmo, aquela coisa toda. E, mesmo não sendo diretamente pra mim, me incomodava. Começava a me incomodar. [...] É uma brinca-

deira [ênfase em “brincadeira”], entre aspas, entre os héteros, assim, tudo, mas que, de certa forma, é pra própria pessoa LGBT que tá ali perto... ela não se sente bem, ela não se sente acolhida. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Os *rótulos* também funcionam como uma maneira forte e concisa de definição da situação. Quando os times e jogadores de futebol LGBTQIAPN+ são rotulados como “afeminados” ou “heteronormativos”, por exemplo, isso traz todo um quadro de elementos capaz de lê-los e de determinar o comportamento que se espera deles.

Mas as definições da situação não são estanques, uma vez que todas as mudanças no ambiente ou nas relações entre os sujeitos podem gerar desorganizações que levam a redefinições da situação. Com isso, as redefinições realizadas pelos indivíduos levam a mudanças sociais. Evidentemente, o futebol LGBTQIAPN+ é uma redefinição da situação das pessoas não cisheteronormativas nesse esporte. Essa nova definição trouxe mudanças imediatas, como a criação de times, da liga e de campeonatos para essa comunidade. No entanto, a expectativa é que as mudanças se estendam para além desse circuito e gerem impacto também no futebol convencional. A mudança de olhar dos times cisheteronormativos em relação aos times LGBTQIAPN+ ao participarem de torneios convencionais pode ser vista como um início desse processo.

Em alguns momentos, os jogadores entrevistados não demonstraram uma maior reflexão sobre alguns processos de definição da situação. Quando perguntei para Cláudio (ManoTauros, 2023) de que forma ele chamava o futebol praticado pelos times da LiGay, ele ape-

nas respondeu: “alguns falam futebol gay, mas a maioria é futebol LGBT mesmo”. Talvez ele já tenha feito alguma reflexão a respeito do que significa usar um ou outro termo, mas, na entrevista, ele não demonstrou esse processo. O termo “futebol gay” é excludente em relação a outras identidades, por isso foi substituído de forma oficial recentemente pela LiGay. Outro momento em que essa aparente falta de reflexão se apresentou foi quando Eduardo (ex-Mano-Tauros, 2023) afirmou que nunca sofreu discriminação ao jogar em times convencionais: “graças a Deus nunca tive experiências ruins nos times héteros que joguei. Sempre a maioria sabe da minha orientação, e sempre me respeitaram muito. Tentavam me deixar o mais à vontade possível”. Ele não apresentou, pelo menos não de forma explícita, uma reflexão sobre o porquê disso. Seria, talvez, por causa da sua manifestação de gênero mais amasculada?

IDENTIDADE E DIFERENÇA

Se Georg Simmel (1983) explica que o conflito está na base da formação e dissolução dos grupos, Tomaz Silva (2014) indica como esse processo também é constitutivo da formação identitária de sujeitos pertencentes a diferentes grupos sociais. Isso porque a identidade só existe a partir da diferença, uma vez que aquilo que somos, ao mesmo tempo, é também aquilo que não somos. Além de interdependentes, identidade e diferença são resultados de *criações linguísticas*. Como afirma Silva (2014, p. 76, grifo meu), isso significa que as identidades “não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí,

à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser *ativamente produzidas*”, e essa produção é sociocultural. Por isso, criar identidades é separar em grupos o mundo social. A identidade e a diferença são constitutivamente relacionadas, porque ser “igual a” implica em ser “diferente de”. Identificar-se sempre pressupõe a existência de outro. Somos iguais dentro do grupo social ao qual pertencemos e diferentes dos membros dos demais grupos.

Lúcio (Bharbixas, 2023) me contou como a identidade do Bharbixas foi criada muito em relação aos demais frequentadores de um ambiente que os membros do time ocupavam: “somos as bichas de bar, na capital de Belo Horizonte. E a gente sentiu super bem. E a gente falou: ‘ah, é isso mesmo: nós somos as bichas de bar, é isso aí, que joga bola e tá tudo bem’”. Ser bicha, nos bares que frequentavam, era algo que destoava e chamava atenção. É pela diferença com os demais frequentadores que a identidade Bharbixas foi ativa e linguisticamente produzida.

Os supostos fundamentos naturais para separação das pessoas em grupos distintos são, na verdade, culturais. Isso porque o mundo só faz sentido a partir de uma leitura carregada de significações. Os nossos conhecimentos sobre a natureza são interpretações, o que faz com que as *representações* tenham um papel fundamental nesse processo. Mas a identidade e a diferença são tão instáveis quanto a linguagem da qual elas dependem para serem definidas. Isso se relaciona às *dinâmicas de poder* em torno delas, uma vez que “elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem

harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (*ibidem*, p. 81).

Roberto (Bharbixas, 2018) fez uma reflexão sobre a identidade do seu time, identificando que os membros tinham um certo perfil que, na prática, destoava do discurso que existia sobre ela: “o Bharbixas também, a maioria dos que ficam no núcleo do time também, eu acho que são de classe média, sabe? Então é um time que prega a pluralidade, mas ele não é totalmente plural nesse ponto, eu acho”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), por outro lado, ressaltou como a identidade de afeminado do Bharbixas foi atribuída externamente. No entanto, tornou-se imediatamente autoafirmada.

Essa alcunha de time afeminado surgiu no Rio de Janeiro, na competição, na 1ª Champions LiGay, porque as outras equipes tinham um padrão mais normativo. E ninguém acreditava, por exemplo, que o Bharbixas pudesse ser campeão da 1ª Champions LiGay. [...] E, aí, aquela questão de você ressignificar algumas palavras. Por exemplo, se um time achava que o Bharbixas era um time afeminado, a gente usava a alcunha de afeminado pra mostrar que a gente tinha capacidade da mesma forma. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Como as identidades se constroem em meio a relações políticas, a capacidade de definir as identidades é um grande poder ligado às relações assimétricas de forças em uma sociedade. Além disso, o estabelecimento de identidades nunca é um processo inocente. A dinâmica das identidades passa pelo pertencimento e pela inclusão,

bem como pelo não pertencimento e pela exclusão. Trata-se de definir quem está do mesmo lado que eu, no mesmo grupo que eu, quem é como eu, e quem não é.

Ângelo (ManoTauros, 2018) me explicou por que ele e Eduardo queriam criar uma imagem *oposta* à dos Bharbixas para o ManoTauros: “até pra falar: ‘ó, eles são eles, e a gente é a gente’. E é difícil não ser assim. A sua identidade, sempre começa a partir do outro, né? Eles já existiam”. É interessante como essa fala demonstra uma forte consciência do funcionamento desse processo. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou como era o perfil dos membros do ManoTauros quando ele foi formado, muito em oposição ao que o Bharbixas tinha na época.

Era um outro padrão de atletas. Eram pessoas que tinham mais vivência com futebol realmente, que já viviam dentro do futebol, que já jogavam futebol, que se identificavam e que realmente tinha um padrão mais heteronormativo mesmo... que existe, pelo menos visualmente. Falo visualmente. Existia um padrão heteronormativo nessa equipe mesmo. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Como temos discutido, a manifestação de gênero dos membros dos dois times é um elemento central na construção de suas identidades, bem como na diferenciação entre elas. Entretanto, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) comparou as identidades do Bharbixas e do ManoTauros de outra forma, relacionando-as às do Cruzeiro e do Atlético Mineiro, clubes cujas identidades já são carregadas de representações.

Tipo, ManoTauros era o time dos manos, e o Bharbixas a elite. Tanto que já foi falado que, por isso, chamava ManoTauros [ênfase em “Mano”]. Mas isso nunca foi um insulto. Eles [Bharbixas] consideravam o ManoTauros um time pobre, de gente mais humilde, “mano” mesmo. E o Bharbixas – é igual eles falavam – era a torcida do Cruzeiro, e o ManoTauros a torcida do Atlético. É a favela e a elite. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

É interessante que, aqui, as identidades dos dois times não são definidas por diferenças nas manifestações de gênero dos jogadores, mas sim por questões de classe. A palavra “mano” é usada, nesse contexto, para se referir não ao gay amasculado, mas a alguém de baixa renda. Ao falar sobre o Inconfidentes Pride, time que fundou, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) também o comparou com o Bharbixas.

Primeiro que ele é só baseado em futebol, ele não tem outras modalidades, tá? Ele é um time basicamente voltado pra competição, e não só para competições inclusivas. Enquanto que, por exemplo, no Bharbixas, isso era quase que impossível [voz de riso] acontecer. Então, basicamente é isso. É um clube mais voltado pra competição. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Aqui, aparece, ainda, outro fator identitário importante do Bharbixas: não ser voltado de forma privilegiada para a competição, mas sim para a recreação e a inclusão. Nesse aspecto, o ManoTauros, na época de sua formação, e o Inconfidentes Pride se diferenciavam dele. A fala de Daniel (ex-Bharbixas, 2023) ainda aponta para mais algumas diferenças: o Bharbixas era voltado para competições LGBT-

QIAPN+ e, além disso, era uma equipe poliesportiva. Já o Inconfidentes Pride, bem como o ManoTauros no contexto pós-pandemia, voltaram-se também para as competições convencionais, além de focarem apenas no futebol, e não em outros esportes.

Mas dividir pessoas em grupos também significa classificá-las e hierarquizá-las. Por isso, ter o privilégio de definir identidades também é poder atribuir *valores diferentes* aos grupos. As divisões mais importantes são as binárias, pois, nelas, um dos grupos adquire um status positivo e o outro negativo. Isso porque uma das identidades é definida como a *norma*, assumindo o topo da *hierarquia*. A essa são atribuídas todas as características positivas possíveis. Essa identidade aparece como a natural, a desejável, como “a” identidade. Por isso, na nossa linguagem, por exemplo, o masculino é o universal, o gênero não marcado.

No futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte, inicialmente, a identidade do Bhabixas era hegemônica: era o primeiro e maior time da cidade. No entanto, com o surgimento dos demais times, ela é quem passou a ser a demarcada, como indicou Ângelo (ex-ManoTauros, 2023): “o que era o diferente mesmo era o Bhabixas, não era o resto. O Bhabixas ficou sendo algo excepcional”. Isso porque elementos como a autoafirmação da afeminação, a ênfase na recreação ao invés do competitivo, além do foco em diversos esportes, eram características apenas do Bhabixas, e os demais times tinham perfis diferentes do dele e parecidos entre si, como afirmava Ângelo (ex-ManoTauros, 2023). Em termos de reflexão sobre hierarquias, os jogadores apontavam para as relações binárias das identidades de

homens hétero e homens gays. Nos discursos criticados pelos entrevistados, os primeiros são relacionados ao domínio do futebol e os segundos à incapacidade.

Um torcedor do adversário gritou para mim: “chuta nessa franguinha aí, que ela gosta de dar o cu!” Isso só me deu mais forças para fechar o gol e ainda ser eleito o melhor goleiro daquele série C. Tanto que no final falei: “a franguinha que gosta de dar o cu foi eleito a melhor goleira, beijos e aceitem” [risos] (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

É interessante como Eduardo (ManoTauros, 2023) não negou a identidade atribuída a ele pelo outro, mas sim buscou inverter a hierarquia entre ela e a identidade do outro. A “franguinha” vista como incompetente, mostrou-se campeã. Roberto (Bharbixas, 2018) ressaltou a desconstrução dos estereótipos de incompetência do gay no futebol.

Primeiro que é um choque pros homens hétero: “mas gay joga futebol?” Joga. Eles não aceitam porque sempre foi símbolo de masculinidade. E, aí, a maioria dos gays não jogavam por quê? Porque eles não se sentiam bem naquele meio, eram repreendidos, então, criou-se essa ideia de que gay não joga futebol. Quando eles veem gay jogando futebol: “mas gay joga futebol?” E quando joga, e vê que joga bem... E não adianta “ah, chuta forte igual homem, parece viadinho!” Não, viado também chuta forte! Viado também dá porrada, bate também. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Aqui, Roberto (Bharbixas, 2018) tentou buscar uma relação de simetria entre as identidades: gays e héteros teriam a mesma capacidade, independentemente da sua sexualidade. Segundo Cláudio (ManoTauros, 2023), até mesmo a arbitragem dos campeonatos convencionais agia de forma diferente com os times LGBTQIAPN+ por causa da identidade de seus jogadores.

Até questão de arbitragem, porque, antes, o meio gay, assim, pra disputar competição, sempre a arbitragem também era contra. Nem a arbitragem respeitava. Então, à medida que a gente foi ganhando e foi crescendo na competição, a arbitragem foi nos respeitando também, sempre... Às vezes, tinha lances que não dava pró a gente, cê entendeu, por achar que é inferior. Então, a gente foi ganhando respeito aos poucos. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Porém, ao falar sobre a popularidade do Bharbixas entre os times brasileiros, Roberto (Bharbixas, 2018) apontou uma identidade que não é binária, e que, por isso, poderia se destacar sem que as outras fossem negativizadas: “outra, se eu puder ser bairrista aqui, por ser mineiro, e eu acho que mineiro é bem recebido onde vai. Então, tem um carinho especial por Minas, por BH”. Também falando sobre identidades múltiplas, um membro do Futeboys (SP) com quem conversei na 5ª edição do Champions LiGay (2019), falou-me sobre a variedade de perfis identitários de times e de como ele achava que não havia problemas nessa divisão.

Você vê times que são mais pocs. Você tem times que são mais bombados e coisas do tipo, assim. E eu acho que isso é meio que

quase natural da sociedade de organização de grupos parecidos. Então, eu acho que existe separação, mas é um meio reflexo da sociedade, assim, sabe? O grupo de *bears*, o grupo de pessoas que são pocs, o grupo de pessoas que são, sei lá, padrãozinho. Enfim, os grupos. Eu acho que existe, mas eu não sei o quanto que ele é excludente, sabe? (Membro do Futeboys, 2019)

Também um membro do Capixabas (ES), com quem conversei no mesmo evento, fez um comentário que complementa bastante o anterior. Ele destacou que esse processo ocorre mais fortemente em cidades que têm muitos times diferentes. Em sua fala, há uma valorização das diferenças e uma legitimação da formação de grupos distintos em torno delas.

Não só isso, né? Cê vê também classes sociais diferentes. Com mais uns times, você vê nitidamente. Isso é mais comum em cidade que é possível cê ter mais de um time. Na nossa cidade só veio um time. Então, pra gente formar um time, cê acaba tendo que reunir pessoas de todas as classes, todos os grupos, senão cê não consegue formar. Mas os times de São Paulo e Rio você vê nitidamente que eles se juntam por afinidade. Mas acho que isso é natural, né? As pessoas se gostam por afinidades. Então, não vejo isso como um problema. Mas realmente você vê uma diferenciação. Por questão de afeminados (é, ou não) e também em questão de classes, gostos, etnias. Eu acho que é natural isso. (Membro do Capixabas, 2019)

No entanto, para a norma, o “*outro*” é sempre uma ameaça. Ao mesmo tempo, ela precisa dele para manter-se no poder. Sem a alte-

ridade, a identidade normativa não é nada. Nesse sentido, como destaca Silva (2014, p. 84), “o anormal é inteiramente constitutivo do normal. [...] Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’”. Nesse cenário, os *hibridismos* são uma forma de questionar e desestabilizar os sistemas identitários. De fato, o futebol LGBTQIAPN+ é um excelente exemplo de identidade híbrida, unindo duas identidades conflitantes, pessoas LGBTQIAPN+ e jogadores de futebol.

DISCURSOS E GRUPOS SOCIAIS

George Mead (1972) chama de “gestos” os estímulos trocados pelos indivíduos envolvidos em um ato social. Porém, para o autor, existe um tipo especial de gestos, os *gestos significantes*. Eles seriam apenas aqueles que evocam no indivíduo que os executam a mesma ideia que é evocada nos demais indivíduos envolvidos no ato social. Esse seria o *significado* do gesto. O autor chama de *linguagem* o compartilhamento de significados e de *comunicação* os atos sociais mediados pela linguagem. É necessário observar que o processo de comunicação concebido por esse autor apaga o conflito. Afinal, todos os indivíduos têm que ter o mesmo entendimento a respeito de cada gesto – incluindo cada palavra. Assim, o dissenso e a existência de compreensões conflitantes em relação aos significados seria um entrave à comunicação.

O que a linguagem parece carregar é um conjunto de símbolos respondendo a certos conteúdos que são *mensuravelmente*

idênticos na experiência dos diferentes indivíduos. Se tiver que ser comunicação enquanto tal, o símbolo tem que significar a mesma coisa para todos os indivíduos envolvidos. (*ibidem*, p. 54, tradução minha, grifo meu)

Nesse sentido, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) fez questão de explicitar o significado de uma palavra que havia usado, para que eu não pensasse que ele estava falando de futebol “profissional” em oposição a “amador”: “era de uma coisa muito incipiente, né, lá no início, pra uma coisa hoje muito mais profissional. Profissional, assim, né, não profissional, no sentido profissional, mas no sentido que comparar os times hoje com os times de 2017, é bem diferente, né?”

No entanto, para Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov 1981)⁴⁰, a disputa por significados é inerente à linguagem. O pensamento do autor é construído sobre uma base marxista, tomando como referência os conflitos de classe, calcados na relação capital-trabalho. No entanto, a teoria do autor também é valiosa e eficaz para a análise de diversos outros tipos de disputas intergrupais, como as relacionadas a gênero, sexualidade, raça, religião ou localidade.

40 Há um dissenso sobre a autoria do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929). A obra foi inicialmente atribuída a Mikhail Bakhtin. Contudo, recentemente, difundiu-se a afirmação de que, na verdade, o autor dela é Valentin Volóchinov, que fazia parte do grupo de pensadores conhecido como “Círculo de Bakhtin”. Como a edição da obra utilizada neste texto traz Mikhail Bakhtin como autor, irei me referenciar a ela pelo nome dele, mas também indicarei o nome do autor ao qual a obra tem sido atribuída na sequência, entre parênteses.

Bakhtin (Volóchinov) entende que os discursos são diferentes formas de se usar a linguagem. Eles são constituídos a partir de *enunciados* que compartilham características em comum. Quando estão relacionados aos diferentes *grupos sociais*, o autor os referencia como *discursos sociais* e afirma que eles são diretamente conectados a *ideologias*. Esses discursos são falas sociais que dão a ver os pontos de vista compartilhados pelos sujeitos que são membros dos grupos que os utilizam: “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas” (*ibidem*, p. 30). O autor explica que os *temas* dos signos são os objetos representados por eles.

Cláudio (ManoTauros, 2023) demonstrava a reprodução de um discurso de inferiorização do gay no futebol ligado a homens cis-heteronormativos: “a gente sempre foi chacota inicialmente, né? E, então, assim, chegava no vestiário, era o pessoal comentando: ‘ah, hoje é jogo pra ganhar fácil! Ah, é jogo pra ganhar muito!’ Então, assim, sempre era menosprezado”. Por outro lado, um membro do Afronte (SP) que eu entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) demonstrou a construção de um discurso coeso em relação ao futebol LGBTQIAPN+: “então, o propósito maior é divulgar, expor ao mundo que o futebol não tem gênero. Ele é pra todos. Então, o principal propósito é esse”.

Bakhtin (Volóchinov) nega uma visão subjetivista da linguagem, apontando que os enunciados não são criações individuais dos sujei-

tos enunciadores, mas têm natureza social e compõem-se em resposta uns aos outros, da mesma forma que elos em uma cadeia dialógica. Esse dialogismo faz com que seja possível perceber diferentes vozes em um mesmo enunciado, como a do enunciador, a do seu interlocutor e a daquele de quem o enunciado fala. Essa pluralidade de vozes é chamada de *polifonia*. Nesse processo, o diálogo entre os diferentes grupos sociais faz com que, nas falas de cada um, também seja possível apreender as falas dos demais. O dialogismo, portanto, pode ser pensado tanto no nível dos grupos quanto dos sujeitos enunciadores, ou até mesmo entre grupos e sujeitos enunciadores.

Neste trecho de uma fala sua, Ângelo (ManoTauros, 2018) deu a ver a perspectiva do Bharbixas sobre inclusão, mesmo não sendo mais membro desse time: “‘ah, o menino não sabe jogar bola...’ Mas ele não teve oportunidades, ‘então vem cá! Vem aqui na pelada! Vamo incluir!’ Tem todo esse movimento”. Dessa forma, ao entrevistar um membro de um time é possível descobrir também posicionamentos do outro, uma vez que a voz de ambos os times está presente na fala de cada um dos jogadores entrevistados. Neste trecho, é Roberto (Bharbixas, 2018) quem falou por Ângelo, ao contar como ele teria se posicionado frente a uma questão passada: “e eu fui um dos únicos que defendi o Ângelo. Eu lembro do Ângelo me chamar no privado pra me agradecer porque eu defendi ele no grupo, quando ele foi excluído”. Na própria entrevista com Ângelo (ManoTauros, 2018), eu não tive acesso à sua voz agradecendo Roberto. Mas foi possível ouvi-la pela voz do outro. Lúcio (Bharbixas, 2023) fez uma referência ao membro do Bharbixas que havia primeiro pensado nesse nome para o time.

Inclusive, ele [o membro do time que havia primeiro sugerido o nome “Bharbixas”] explicou, até, na primeira LiGay, pra Fátima... [rindo] na Fátima Bernardes, entrevistando ele, e: “ah, explica esse nome”. Ele falou, assim: “ah, B-H”, e, aí, ele botou um H ainda, “B-H de Belo Horizonte. ‘Bar’... Belo Horizonte, capital dos bares, né? E ‘bixas’ porque a gente é bem bicha”. [risos] (Lúcio, Bharbixas, 2023)

O fato de Lúcio (Bharbixas, 2023) fazer referência a um jogador do time que inicialmente sugeriu o nome “Bharbixas” nos lembra de que o processo de reflexividade em torno desses elementos discursivos é coletivo, mas como ele opera através das mentes individuais, as ideias tendem a surgir na reflexão de um sujeito que é membro do grupo e depois seguirem para apreciação coletiva. Mas tudo isso ocorre de forma dialógica, com as ideias de uns sujeitos sendo respostas a enunciados de outros, o que garante uma faceta coletiva para esse processo reflexivo. Ainda nesse sentido, o nome Bharbixas é uma referência à forma como os jogadores eram vistos pelos demais frequentadores dos bares para onde eles iam: como bichas de bar. Assim, o nome também se configura como resposta a um enunciado, ainda que presumido, de outros sujeitos. Posteriormente, o nome ManoTauros também surge como uma resposta ao nome Bharbixas, para afastar-se da afeminação e construir uma ideia de masculinidade.

Na medida em que os diferentes discursos sociais fazem uso de uma mesma linguagem, cada palavra se apresenta “como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (*ibidem*, p. 48). Segundo Ângelo (ManoTau-

ros, 2018), uma palavra que constava no grito de guerra do ManoTauros, na verdade, remetia para um lugar diferente: “nosso grito de guerra é ‘raça, raça, raça! ManoTauros!’”. O ‘raça’ vem muito do Atlético”. A palavra “raça” relacionada ao Atlético Mineiro carrega vários sentidos, como a ligação desse time com camadas populares da cidade de Belo Horizonte. Ângelo (ManoTauros, 2018) contou também como foram escolhidas as palavras que constariam na bandeira do time, demonstrando que houve uma grande reflexividade e cuidado na observação dos seus significados.

Na bandeira, tem três palavras, que acabam tendo um significado. Até houve uma discussão pra escolher essas três palavras. Era pra imitar a bandeira de Minas Gerais. E a *discussão foi grande*, trazia um pouquinho de *filosofia* em torno dela, assim, né? Primeiro, a gente colocou “respeito”, “inclusão” e “igualdade”. Aí, alguém falou:

– Ah, ficou muito ONG! Tem nada de futebol.

Pra mim, seria “raça” e “luta”. Mas alguém falou:

– Ângelo, mas a gente também não é só futebol. “Respeito” sempre tem que ter, “igualdade” também.

Com muito custo na discussão, a gente trocou “igualdade” por “raça”. Então, houve também uma discussão. Não foi ao léu, assim, escolheu três palavras quaisquer. E a gente também não gostou do critério “igualdade”. A gente falou:

– Ah, “igualdade” é uma palavra que LGBT não gosta, assim. Não é uma palavra que seria adequada pra LGBT.

Muito porque é tratado igual, né? Que, às vezes, quando você

trata igual, vai naquele senso de meritocracia, né? Eu trato os desiguais igual e favoreço o que é mais forte. Então, até por isso, a gente tirou a palavra. O meu marido [que também jogava no time] é muito acadêmico, então, teve toda uma discussão pra escolher essas três palavras. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Um membro do Unicorns (SP) que eu entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) percebeu que usou a palavra errada para expressar a sua ideia e corrigiu em seguida. Com isso, ele percebeu que a confusão que ele fez pode ser a que mais pessoas fazem.

Eu acho que o futebol acaba pedindo um pouco mais de masculinidade... Masculinidade é a *palavra errada*. Um pouco mais de vibração, talvez. E isso, cê acaba remetendo à masculinidade erroneamente, entendeu? Mas, tipo, talvez esse fato de berrar mais, de gritar mais, as pessoas falam: “ah, ele é mais másculo”. Mas não. Eu acho que isso é muito mais vibração, muito mais uma questão de jogo. (Membro do Unicorns, 2019)

Os membros do BhARBixas chamavam-se frequentemente pelo feminino. Em um treino deles que eu acompanhei, por exemplo, eles se chamavam de “querida” e de “amiga”. A simples flexão de gênero dessas palavras é muito significativa, pois carrega consigo o potencial de questionar e subverter as relações de gênero, exaltando o feminino e rompendo com a binariedade. Nesse sentido, a utilização das palavras no feminino é coerente e ligada à manifestação de gênero dos membros do time.

Quando perguntei para Daniel (ex-BhARBixas, 2023) sobre a cisão

entre o Bharbixas e o ManoTauros, ele me respondeu: “na verdade, não foi uma cisão, foi uma divisão [ênfase em ‘divisão’]”. Quando se procura por “cisão” no dicionário *Oxford Languages*⁴¹, a palavra está definida como o ato de “cindir”. “Cindir”, por sua vez, seria “separar(-se) por desavença, dividir(-se) por desentendimento” ou “dividir(-se) em duas ou mais partes”. Já “divisão” seria “separação segundo algum critério ou ordem; classificação” ou “separação radical; desavença, desacordo, desunião”. No dicionário de sinônimos, também do *Oxford Languages*, o termo “divisão” é apontado como sinônimo de “cisão”. A palavra “cisão” tem um significado específico, no entanto, no contexto judicial. Nele, ela quer dizer dividir o patrimônio de uma companhia entre uma ou mais sociedades. Talvez Daniel (ex-Bharbixas, 2023) tenha afastado o termo “cisão” por ele não corresponder a esse contexto, já que ele atuava como gestor financeiro. De qualquer forma, é interessante observar a preocupação dele em definir o termo mais adequado.

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) defendeu que os nomes dos times refletem expectativas diferentes: alguns são voltados para a diversidade e o lúdico, enquanto outros são voltados para um posicionamento mais forte e agressivo.

Percebe que até os nomes são diferentes, né? Tem umas posições, aí, no nome. Pelos nomes, cê consegue perceber.

41 O dicionário foi consultado por meio de ferramenta associada ao buscador Google. Mais informações em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 21 de abr. 2023.

Tipo “Unicorns”. É, talvez, o time mais estruturado. Nunca ganhou e nunca vai ganhar nada porque tem essa pegada mais de marketing. Eles são muito marqueteiro, assim, de vender a marca, de ganhar dinheiro com isso. É um unicórnio, cê vê que é uma coisa, sei lá, cê percebe essa simbologia mais tranquila. Diferente, por exemplo, dos [falando com tom agressivo] Bárbaros, né, que já tem outra pegada, mais parecido com Predadores e ManoTauros. O Bulls, né, outra pegada também. Então, até pelos nomes, cê consegue entender um pouquinho, sabe? Lá no Sul, que tinha essa pegada mais tranquila, era o Magia, bacana. E o outro lá que, né, uma pegada mais ligado à guerrilha dos maragatos, que é aquele povo lá do sul que lutava. Aí, é “Maragatos”, né, que é o guerrilheiro. Então, até na escolha do nome, na escolha do que o time quer ser, né? Por exemplo, o Diversus. Aí, já tem outra pegada, até pelo nome. Também é um time que vai do nada a lugar nenhum, assim, esportivamente, sabe? (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Em alguns momentos da minha conversa com Lúcio (Bharbixas, 2023), ele demonstrava a preocupação de medir muito bem os enunciados que ele estava produzindo: “quando a gente chegou no campeonato... an... Eu tou até tomando cuidado com as palavras pra não... não soar um pouco discriminatório com os outros times, né?”

A linguagem pode carregar valores que oprimem grupos minoritários. Ao utilizarmos certas palavras e expressões, podemos estar reforçando relações de dominação sem percebermos. Os jogadores entrevistados problematizavam frequentemente o uso de determi-

nadas palavras. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, criticava o uso das palavras “frangas” e “marias” por parte de torcedores do Cruzeiro e do Atlético Mineiro para provocar os seus rivais. Ângelo (ManoTauros, 2018), por sua vez, mostrou-me um episódio de um desenho animado que questiona o uso da palavra “mulherzinha” para diminuir alguém.

Bakhtin (Volóchinov) [1981, p. 45] considera que os usos da linguagem são um fator essencial nas interações sociais: “o signo e a situação social em que se insere estão indissoluvelmente ligados”. Por isso, a ideologia se materializa no *signo* e o conteúdo ideológico da linguagem é inseparável de seu uso prático. Nesse processo, as mudanças na sociedade andam juntas com mudanças na linguagem. É interessante notar que os enunciados sempre se dirigem a sujeitos interlocutores definidos, ainda que genéricos. É preciso compreender quem é a outra pessoa, enquanto sujeito social, para saber respondê-la.

Em algumas de suas argumentações, Roberto (Bharbixas, 2018) não especificou uma pessoa interlocutora individual, mas falou sobre e para uma coletividade imaginada em torno de um certo perfil, qual seja, masculino, heterossexual e cisgênero: “e eu vejo muita gente, inclusive, que tá reagindo a esse movimento do futebol LGBT exatamente porque eles tão com medo de perder esse refúgio, que é a única coisa que restou numa sociedade ‘mimimi’, que não aceita mais a intolerância, e eles, no futebol, podem intolarar”. É interessante a referência à palavra “mimimi”, que tem sido usada bastante por discursos conservadores para tentar deslegitimar qualquer reivindi-

cação ou análise progressista. Aqui, por sua vez, ele, indiretamente, critica o uso dessa palavra com essa finalidade.

Uma observação interessante trazida por Roberto (Bharbixas, 2018) diz respeito à habilidade dos sujeitos para lidarem com os enunciados dos outros. Ele contou que diferentes pessoas no time tinham abordagens distintas na hora de dialogar com as pessoas que tinham falas com as quais elas não concordavam.

Tem algumas pessoas lá extremamente estruturados, assim. Sabem falar muito bem. Inclusive, um deles dá aula [ênfase em “aula”] de uma forma cortês, extremamente *gentleman*. Quando alguém dá uma bola fora, ele te explica o quê... Ele é muito polido, ele é muito bom pra te ajudar a entender, que é um dos que mais me ajudou nesse tempo todo. Já tem uns que só joga lá: “achei machista”, ou, tipo, faz qualquer comentário tipo de escárnio, qualquer coisa. Então depende muito da pessoa. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Alguns discursos, chamados por Bakhtin (1997) de *discursos bivocais*, apropriam-se diretamente das falas de outros sujeitos, como a paródia ou a citação. Eles comentam, respondem ou ironizam o discurso ao qual fazem referência. A *ironia*, por exemplo, é uma forma de discurso bivocal que usa o discurso do outro sujeito contra ele mesmo. Neste trecho de um fala sua, Pedro (Bharbixas, 2018) simulou a voz de um “homem hétero” generalizado: “ele [o futebol] é o lugar do homem hétero e ‘a gente não quer mais ninguém aqui dentro’”. Lúcio (Bharbixas, 2023), ao recordar de algo que pensava

no passado, gerou um discurso bivocal no qual a voz do outro do qual ele falava era a dele mesmo, mas a de um “eu-outro”, que já não é mais o eu que fala.

Erroneamente, por muito tempo, eu pensei que eu era o único [ênfase em “único”], no mundo, gay que jogava bola. Já chegou a passar isso pela minha cabeça quando era mais novo. Eu falei assim: “gente, mas não arranja ninguém gay jogando bola?” O *gaydar*, naquela época, não era tão apurado como hoje, né? [risos] Então, por muito tempo, eu me senti só ali no esporte. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Em geral, uma das formas como os jogadores entrevistados atribuem discursos ao outro time é indicando a exaltação da afeminação ou a afeminofobia dos rivais. Pedro (Bharbixas, 2018), ao dar a ver a voz de Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) sobre a fundação do Mano-Tauros, fez dois movimentos. O primeiro foi o de reproduzir a voz oficial do ex-colega de time, e o segundo foi revelar a voz que ele achava que, de fato, correspondia às intenções dele.

O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu do Bharbixas e montou o próprio time. Segundo ele, por “divergências filosóficas”. Foram os termos que ele usou. Porque, nas competições, a gente tem uma preocupação muito grande de oferecer espaço pra todo mundo jogar nas competições, de fato. [...] O time que surgiu foi basicamente isso, tipo: “ah, não quero fazer parte dessas bichinhas aí não, vou montar meu time”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018), por outro lado, fez uma referência a uma suposta voz do Bharbixas que poderíamos identificar como uma forma de deboche.

Tem gente que adora gueto. Se deixar, o Bharbixas vai criar: “ah, não, esse campeonato é muito exclusivo, nós vamos criar o campeonato gay só de afeminados”. Eu acho que não é por aí, criando guetos, que vai melhorar essa relação, essa visão, essa harmonia... não muda a visão do gay. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

É interessante observar duas coisas sobre essa relação dialógica. A primeira é que nem sempre a voz do outro sujeito que aparece inserida no enunciado de alguém corresponde a algo que, de fato, esse outro sujeito falou ou falaria. No caso dessa fala de Ângelo (ManoTauros, 2018), é evidente que se trata de uma crítica construída em torno de uma hipérbole e não de um posicionamento concreto do Bharbixas. Do mesmo modo, em outros casos, a suposta voz do outro sujeito pode refletir uma mentira ou um erro de memória, por exemplo. A segunda coisa é que, mesmo quando a suposta voz do outro sujeito não tem correspondência factual, a sua presença na fala da pessoa enunciadora dá a ver algo sobre ele, a partir da forma como a pessoa enunciadora o vê. Ainda nesse sentido, há uma dupla revelação, porque o que a pessoa enunciadora fala sobre o outro sujeito também dá a ver elementos sobre ela própria: ao dizer sobre outro sujeito, estou dizendo sobre mim.

Michel Foucault (1999b, 1999c) desenvolve importantes vínculos entre discurso e poder através do conceito de *dispositivo*. A partir desse autor, podemos pensar nos dispositivos como os arranjos que organizam as relações de poder entre os sujeitos em cada cenário interacional. Os dispositivos podem se manifestar a partir de disposições espaciais entre os sujeitos, mas eles dizem respeito, acima de tudo, à configuração das relações que se estabelecem entre eles. Essa configuração define os discursos e ações possíveis para cada sujeito em cada situação e sob quais condições. Foucault (1999c) desenvolve essa ideia a partir do conceito de panóptico, uma estrutura na qual o sujeito não sabe se está ou não sendo vigiado a cada momento e, por medo de que esteja, acaba se comportando da maneira exigida mesmo quando ninguém está lhe observando.

A ideia de dispositivo também é desenvolvida por Foucault (1999b) ao caracterizar o que ele chama de confessionalário. O autor afirma que a produção e circulação de discursos sobre o sexo estiveram historicamente ligadas à existência de sujeitos para os quais deveriam ser feitas confissões a respeito desse tema. Essa elaboração de discursos só podia ser realizada em tais circunstâncias, nas quais esse assunto era discutido de forma exaustiva. Em torno desse dispositivo, padres e psicanalistas podiam aconselhar os sujeitos sobre o sexo, definindo para eles o que era certo ou errado sobre esse tema. Com isso, essas “autoridades” exerciam um controle sobre a atividade sexual dos demais. Assim, instituições como a igreja e a psicanálise detiveram o monopólio da *ver-*

dade sobre o sexo: “aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade” (*ibidem*, p. 66). A verdade, para o autor, desse modo, não é ontológica, mas sim uma construção discursiva.

É possível pensarmos na criação de times, ligas e campeonatos de futebol LGBTQIAPN+ como o estabelecimento de um dispositivo de segregação formado e sustentado por meio de discursos que o legitimam. Roberto (Bharbixas, 2018) explicou como as relações entre os sujeitos se configuram por meio dele e defendeu os discursos que lhe dão suporte.

Eu sonho com um dia que a gente só vai falar “futebol”. Mas eu sei que primeiro a gente precisa excluir pra depois incluir, né? Às vezes, a gente tem que segregar pra poder dar o grito, mostrar que a gente tá ali, pra depois incluir. E eu vi muita gente questionando: “mas qual a necessidade de se fazer um campeonato gay? Ah, isso é ‘heterofobia’, hétero não pode participar. Ah, por que que eles não participam de campeonatos comuns?” Se não fosse ter um campeonato gay, não teria visibilidade, não teria discussão, a gente não taria falando disso. Várias pessoas não teriam se sentido confortáveis em entrar pro futebol ou em continuar no futebol. Então, eu acho que foi importantíssimo a gente ter essa segregação. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Outro exemplo de dispositivo construído discursivamente são os regulamentos, como lembrou Pedro (Bharbixas, 2018): “as competições que existem hoje, que são a LiGay e a Taça Hornet, o regu-

lamento delas é muito específico com relação a homens gays ou bissexuais poderem participar, e quem faz o regulamento das competições não somos nós”. Desse modo, os regulamentos, enquanto dispositivos, definem quem está dentro ou fora desses arranjos interacionais. Pedro (Bharbixas, 2018) falou, ainda, sobre um discurso que especificava as relações entre os sujeitos no Bharbixas, funcionando também, dessa forma, de forma semelhante a um dispositivo. Ele disse que era possível dizer que o Bharbixas tinha um discurso institucional a respeito da inclusão.

Pesquisadore: A ideia de inclusão, de uma luta por inclusão, não é um discurso institucional do time não?

Pedro (Bharbixas, 2018): Eu acho que cê pode dizer que sim. É. É um discurso institucional do time sim. Cê pode dizer. Tanto porque eu acho que se for fazer uma *análise do discurso* de tudo que foi dito em nome do time, em nome do Bharbixas, nas redes sociais, e coisa e tal, cê vai encontrar. Isso vai tá presente.

Foucault (1999a, p. 10) não vê o discurso apenas como um meio para que as pessoas vençam suas disputas. Ele vê o discurso como o próprio alvo disputado pelos sujeitos: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Por ter uma relação tão grande com o poder, a *produção e circulação de discursos* é tão controlada. Uma das formas de se estabelecer esse controle, para o autor, é a *interdição*: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo

em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa” (*ibidem*, p. 9). Como vimos anteriormente, Roberto (Bharbixas, 2018) citou o conceito de “mimimi”, que relaciona a defesa discursiva de minorias com algo equivocado ou desnecessário. Com isso, tenta deslegitimar certos discursos.

No geral, quando um faz um comentário, se alguém achou ruim e tal, a maioria das pessoas apoia. Então assim, se ocê fizesse essa pergunta pro Roberto de um ano atrás, eu ia responder que era mimimi. Se ocê... cê tá me fazendo uma pergunta agora, eu vou te responder que pode chamar de mimimi se quiser, mas é um mimimi necessário. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Já Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) tentou criar um conceito que seria o oposto ao de “heteronormatividade”, acionado de forma recorrente pelos jogadores entrevistados. No entanto, ele rejeitava a ideia de “preconceito reverso”, que pressupõe que identidades hegemônicas sofrem preconceito de minorias, propondo uma suposta simetria entre os dois sentidos de poder. Com isso, ele tentava demarcar que não é essa a construção recursiva que ele estava tentando reproduzir.

O Bharbixas exigia essa postura... não exigia formalmente, mas impunha essa postura [pausa] “homonormativa”⁴², diga-

42 Na verdade, o termo “homonormatividade” existe, mas tem um sentido diferente do que Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) quis construir. Homonor-

mos. Não existe essa palavra, mas... Não vou falar de “pre-conceito reverso” não, porque isso vai remeter a um tantão bobagem. Mas existe uma imposição aí. (Ângelo, ex-Mano-Tauros, 2023)

Entretanto, ao discutirmos tais relações do discurso com o poder, é necessário apontar que Foucault (1999c) não vê as relações de poder como algo negativo, mas sim como uma parte intrínseca de qualquer vinculação social. Para o autor, o poder não está nos sujeitos, mas sim nas relações: “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (*ibidem*, p. 89-90). Mas o poder também é acompanhado de *resistência*. Por isso, as relações entre discurso e poder são sempre potencialmente conflituosas. Os discursos podem ser instrumentos do poder dominante ou obstáculos a ele, servindo de alavanca para estratégias opostas. Pedro (Bharbixas, 2018) demonstrava uma consciência de que o que o Bharbixas fazia naquele momento era um ato político.

Em algumas questões básicas, a gente tem divergências de posicionamento. Por exemplo: aquele posicionamento raso de “não vamos nos envolver com política” é frequente-

matividade é a imposição de normas para os relacionamentos LGBTQIAPN+ para que eles sigam o mesmo padrão cobrado dos relacionamentos cis-heteronormativos, como casamento, família nuclear, filhos, monogamia, amor romântico, etc. Essa lógica privilegia o binarismo de gênero, a cis-generidade e a alossexualidade (ver Glossário B).

mente levantado. E, assim, há sempre um debate das pessoas baterem o pé e falar assim: “não existe isso. Não tem como não se envolver com política, o que a gente faz é política”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Da mesma forma, ele entendia que isso era um ato de resistência: “a nossa preocupação em ocupar esse espaço é, de fato, um ato político, sabe? É uma militância”. Os jogadores entrevistados demonstravam ter, frequentemente, consciência das microrrelações de poder que envolvem todas as interações. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, identificou as linhas de poder que perpassavam uma experiência do Bharbixas na mídia, como citamos antes.

Quando eles foram no *98 Futebol Clube*, da *98 FM*, tentaram de todas as formas provocar a questão da sexualidade e ficar fazendo piadinhas homofóbicas. Inclusive o Pedro deu uma neles, e eles receberam algumas respostas, mas foi um programa extremamente machista e homofóbico. Mas os meninos se portaram muito bem na reação deles, assim, em manter a mensagem, entendeu? (Roberto, Bharbixas, 2018)

Pedro (Bharbixas, 2018) revelou uma estratégia discursiva para simular uma relação de amizade entre o Bharbixas e ManoTauros que não existia no campo da prática social: “não tem tido convivência... [risos] ah... exceto nas redes sociais. E é assim: no discurso é tudo muito lindo, sabe? A gente recebeu eles: ‘ai, mais um time em Belo Horizonte! Que coisa maravilhosa!’. Aquela coisa bem cordial”.

Outro importante ponto das reflexões sobre poder de Foucault

(1999c) é que o autor nos explica que o poder atravessa o *corpo*, a partir das dinâmicas de *biopoder*, ou seja, das técnicas de controle da corporeidade. Tais técnicas visam otimizar o uso dos corpos, tornando-os dóceis por meio da *disciplina*. Há uma busca por obediência e produtividade, uma reforçando a outra. Dessa forma, as relações entre discurso e poder também atravessam o físico dos sujeitos. É possível pensar que os próprios rótulos, como “afeminado” ou “heteronormativo” submetem a corporeidade dos sujeitos a uma forma pré-determinada, limitando suas experiências.

A tensão em torno da manifestação de gênero amasculada ou afeminada está totalmente relacionada com a disposição do poder nos corpos. Ser afeminado ou amasculado é mais do que uma simples variante estética, há relações de privilégios, violências, resistências e sobrevivências perpassando cada gesto. O corpo dos membros do ManoTauros e do Bharbixas dizia muito sobre eles, e era possível ler as relações de poder que existiam entre esses dois times apenas ao olhar para a manifestação de gênero dos seus membros, como evidenciou Roberto (Bharbixas, 2018).

Cheguei lá, e o que que eu vi? Exatamente dois grupos. Num canto, um grupo de gays *padrão cis*, com camisas de time, camisas, sei lá, do Cruzeiro, do Atlético, do Flamengo, da Argentina, e batendo bola, brincando com a bola já. Conversando mais grosso, com um *estilo muito mais padrão*. E, de um outro lado, uns gays mais afeminados dançando, tocando Beyoncé, Anitta, e a galera dançando e rebolando. (Roberto, Bharbixas, 2018)

No entanto, se podemos pensar em uma manifestação de gênero mais espontânea no exemplo dado por Roberto (Bharbixas, 2018), o corpo desses jogadores também teve que evidenciar, em outros momentos, manifestações de gênero mais intencionais, que justamente davam a ver o medo e o instinto de autoproteção. É o que Lúcio (Bharbixas, 2023) contou sobre a participação do seu time em campeonatos convencionais.

A gente não se comportava do... a gente não se sentia à vontade, né? E, aí, a gente também tinha a preocupação de até que ponto eu tar naquele espaço “hostil”, eu estaria levando uma dancinha ou um jeito mais gay de ser como ofensa pro outro. O outro poderia interpretar como uma ofensa ou um jeito que tá provocando o outro, né? Então, a gente ficava na nossa e a gente ia lá jogar o nosso futebol e mostrar que a gente era único e exclusivo pra mostrar o nosso futebol. A gente não tinha aquela alegria de estar ali ocupando igual a gente tem nos campeonatos LGBTs, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Tendo em vista algumas das questões discutidas anteriormente, uma fala de Daniel (ex-Bharbixas, 2023) parece não ter sido muito reflexiva em relação às questões de inclusão na LiGay.

E hoje tem... é uma das outras evoluções da LiGay, né? A gente tem hoje uma competição LGBT e tem uma competição pra homens trans. Então, de maneira geral, a gente tem evoluído também como LGBT em si, porque, né, não adianta a gente falar que é inclusivo, sendo que a gente não inclui homens

trans, por exemplo. Né? Então, a gente tá evoluindo também, a gente tá se conhecendo como movimento LGBT, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele apontava a inclusão de homens trans na liga quase como algo que, ao ser implementado, teria feito com que a liga se tornasse, então, inclusiva. Mas, para se dizer inclusiva, a liga também não teria que se preocupar em incluir mulheres? Também Lúcio (Bharbixas, 2023) parecia não levar em consideração no seu discurso uma atitude reflexiva em relação ao papel do Bharbixas no cenário de então do futebol LGBTQIAPN+ mineiro.

E, aí, é esse ponto que eu deixo muito claro pros meninos: “gente... o Bharbixas tá aqui por e pra cês, né? O que cês precisarem, podem contar com o time. A gente tem que se fortalecer. A gente tem que estar unido. A gente tem que acreditar um no outro pra gente alcançar tudo o que a gente quer alcançar”. Então, assim, a minha relação com os meninos de alguns times não é tão próxima, mas que eu tou abertíssimo pro que eles precisarem, ali, do Bharbixas e de mim, pra fazer as coisas acontecerem, melhorarem em todos os aspectos. Então, eu diria que é uma relação boa, aberta. Não tem nada fechado, não tem nada excludente de alguma forma, né? Eu tou sempre aberto com os meninos, e eles sabem disso. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

A fala dele dá a entender que, de certa forma, os demais times mineiros precisariam ou dependeriam do Bharbixas para algo. No

entanto, naquele momento, o Bhabixas era o time com a estrutura competitiva mais frágil no estado, indicando que, talvez, o sentido do suporte, no momento em questão, precisaria ser na direção contrária. Cláudio (ManoTauros, 2023) também demonstrava uma incoerência no seu discurso em relação à participação de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol convencional, ao descrever sua experiência nesse ambiente: “ah, era tranquilo. Nunca tive problema não, entendeu? Sempre... era normal, entendeu? Mesmo porque, assim, acho que quando cê entra em quadra pra disputar uma competição, cê nem lembra questão de opção sexual, essas coisas assim, nem entra em questão mais”. Isso porque ele mesmo contou que o ManoTauros foi alvo de diversas piadas e preconceitos ao participar de campeonatos convencionais. Então, como a “opção sexual”⁴³ não faria diferença?

O PODER DOS ACONTECIMENTOS

Na perspectiva de Louis Quéré (2005), o acontecimento acontece *a alguém*. Dessa forma, uma “mudança” só é um acontecimento se ela importar para uma pessoa ou uma coletividade. É nessa relação com os sujeitos que os acontecimentos adquirem ou não importância, por sua capacidade de afetar ou não as pessoas. Elas, por sua vez, revestem de sentido a sua *experiência* com os acontecimentos, quando ela lhes é significativa. Vera França e Roberto Almeida

43 O termo “opção sexual” não é mais considerado adequado, já que a orientação sexual não é uma opção.

(2008) entendem a experiência como algo que empurra para o passado aquilo que somos. Ou seja, através dela, nosso eu se desloca e não se torna mais o mesmo. Nesse processo, a experiência atual reelabora as experiências anteriores.

O florescimento do futebol LGBTQIAPN+ no Brasil e em Minas Gerais é referenciado de forma reflexiva pelos jogadores entrevistados como um grande acontecimento que mudou as relações do público LGBTQIAPN+ com o esporte no país e no estado e se configurou como uma experiência marcante em suas vidas pessoais. Depois disso, outros acontecimentos derivados foram se sucedendo a esse maior. Inclusive as cisões e criações de novos times, que marcaram fortemente a trajetória dos jogadores e times, tendo um papel central nesse cenário.

A cisão entre o Bharbixas e o ManoTauros está na base da própria pesquisa realizada e, por isso, as reflexões dos jogadores a esse respeito já vêm sendo apresentadas ao longo de todo o livro. No entanto, destacam-se, nas falas dos entrevistados, outros acontecimentos apontados como marcantes para o futebol LGBTQIAPN+ mineiro. Entre eles, estão o aniversário de um ano do Bharbixas no Mineirão, a vitória do ManoTauros em um “campeonato hétero” e a 5ª edição do Champions LiGay, ocorrida em Belo Horizonte. Além disso, a vitória do Bharbixas no 1º Champions LiGay também é um acontecimento muito importante, mas, junto com a cisão entre os times, em grande medida, compõe o próprio cenário da criação do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Por isso, esse ponto também já foi bastante abordado nas discussões anteriores.

Lúcio (Bharbixas, 2023) contou sobre a experiência dele no ani-

versário de um ano do Bharbixas no Mineirão, evidenciando também elementos de uma experiência compartilhada entre todos os jogadores que puderam vivenciar esse momento. Na forma como ele viveu o acontecimento, no entanto, o destaque maior foi dado para a festa que ocorreu depois do jogo.

Foi uma partida maravilhosa. Foi lindo o jogo e, depois, a gente teve, então, uma atração. A gente teve a nossa festa, que foi dentro do Mineirão, pra celebrar, aí, o mês LGBT. Então, e o nosso aniversário, que a gente tava fazendo um ano? Um ano! E, aí, a gente teve a Pepita⁴⁴ como atração, lá, principal. Então, foi, assim, foi maravilhoso. Só saudades. [risos] Foi incrível! (Lúcio, Bharbixas, 2023)

O caráter inédito e, até então, inimaginável desse evento, bem como sua amplitude e importância, fizeram com que ele fosse visto como uma grande conquista. Os estádios são espaços hostis para pessoas LGBTQIAPN+, portanto, essa foi uma ocupação muito simbólica. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) explicou os motivos para que esse fosse considerado pelos jogadores um grande acontecimento na história do time e do futebol LGBTQIAPN+ mineiro.

Tinha muita gente no estádio. Não tava cheio, óbvio, né? Mas tinha muita [ênfase no “muita”] gente. Foi um clima muito bom, foi um clima de festa mesmo. Vieram pessoas do Brasil

44 Pepita é uma cantora de funk. Ela é travesti.

inteiro. A gente foi o primeiro clube a jogar em um estádio que fez parte da Copa do Mundo, de um estádio de Copa do Mundo. Então foi uma sensação indescritível, foi sensacional. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

É curioso que a experiência dele difere da minha, enquanto pesquisadore, no que diz respeito ao volume de público, já que eu havia considerado a presença de pessoas torcedoras relativamente baixa. No dia desse evento, Ângelo (ManoTauros, 2018) teve uma experiência bastante diferente. Ele não teve a oportunidade de jogar, pois houve um sorteio para decidir quais membros do ManoTauros poderiam participar da partida. Dessa forma, ele assistiu da arquibancada. Depois do jogo, ele perguntou para o marido dele e para outro colega de equipe, que haviam jogado, qual tinha sido a sensação de jogar no Mineirão.

Referindo-se a outro acontecimento destacado na história do futebol LGBTQIAPN+ mineiro, Cláudio (ManoTauros, 2023) me falou da experiência coletiva de satisfação por terem participado de um campeonato convencional, no qual o ManoTauros foi campeão.

É questão de conseguir o respeito. Foi muito interessante, porque eu mesmo fiquei surpreso porque uma coisa é cê chegar num lugar e ser visto de uma forma e quando você sair, você ser respeitado de uma forma melhor. Então, assim, acho que a maioria ficou muito honrado com isso, né, porque foi uma coisa conquistado em campo. Então, assim, é uma coisa muito interessante isso. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Os jogadores que participaram do acontecimento em questão destacaram o quanto esse campeonato era concorrido e difícil, sendo disputado por outras 14 equipes, e como foi importante uma união com outras equipes LGBTQIAPN+ belo-horizontinas que emprestaram jogadores para fortalecer o time do ManoTauros.

Já sobre a 5ª edição do Champions LiGay, apesar da alegria proporcionada pelo evento, destacam-se também problemas em sua estrutura. Quem organizou essa edição do campeonato foi o BhARBixas, por isso, a responsabilidade pelos incômodos gerados recaiu sobre esse time. Os membros entrevistados reconheciam o problema, mas tentavam trazer também justificativas. Daniel (ex-BhARBixas, 2023) vivenciou esse acontecimento na condição única de presidente da LiGay naquele momento.

Foi muito trabalhoso. [risos] Foi, pelo menos 1 ano de trabalho. E, no final das contas, a gente teve alguns estresses. Por exemplo, a questão do campo, que a Prefeitura ficou de entregar o campo pra gente uma determinada data. Não entregou o campo naquela data. Era um campo que tava passando por obras. E choveu muito [ênfase em “muito”] no final de semana. Então, assim, foram coisas que a gente teve que superar. A gente trabalhou pra caramba, não ficou 100%. Mas foi bom também. (Daniel, ex-BhARBixas, 2023)

Esse é um acontecimento que gerava sentimentos contraditórios nos jogadores do BhARBixas entrevistados, misturando orgulho e culpa na hora de relembrar e narrar o acontecido. Já Eduardo

(ex-ManoTauros, 2023) também vivenciou algo único nesse evento: ser o técnico da primeira equipe feminina campeã, a do ManoTauros, depois de já ter sido o técnico do primeiro time masculino campeão, em 2017, o Bharbixas: “eu era o técnico do feminino, que, em 2019, se tornou o primeiro campeão em terra mineira da Champions LiGay, o que me fez ser o primeiro campeão não só no masculino, mas também no feminino, já que, nessa época, eu era o técnico do time feminino”. Lúcio (Bharbixas, 2023), por outro lado, enfrentava problemas pessoais no momento do evento, o que implicou em uma experiência individual desse acontecimento.

Foi um desafio, assim, tremendo, tremendo, tremendo, tremendo, porque questões pessoais de faculdade. Eu tava num [voz de riso] momento, assim, nossa... Gente, TCC é uma coisa que arranca, assim, tira o corpo, a alma, vai tudo embora com o TCC. Nossa Senhora! E, aí, mais uma LiGay, assim, junto dos meninos pra fazer e tal. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

As experiências de outros jogadores com o futebol LGBTQIAPN+ também guardavam peculiaridades relacionadas às histórias individuais. Pedro (Bharbixas, 2018), por exemplo, contou que ficou sabendo do Bharbixas por meio de um aplicativo de relacionamento: “eu conheci o Bharbixas por meio de um amigo meu. Eu encontrei com ele por um aplicativo de pegação, o *Grindr*. Ele falou: “ah, cê joga?” Eu falei: “jogo”. Ele falou assim: “tem um time de futebol gay, cara, montando aqui em Belo Horizonte, sabia?” Por outro lado, na 5ª edição do Champions LiGay, foi possível acompanhar momentos

de experiência compartilhada do acontecimento. Um deles foi a torcida calorosa do público que acompanhou a participação dos times femininos. Havia muita torcida nos jogos dessa chave. Essa foi a única edição do campeonato em que houve disputa entre times femininos, o que marcou uma experiência específica para as jogadoras e a torcida, que foi vivenciada de forma significativa, mostrando que ela foi capaz de convocar as pessoas ali presentes.

Quéré acredita que o acontecimento implica no encerramento de uma época e no início de outra, criando, assim, uma nova situação. O autor explica que o acontecimento “curto-circuita” o tempo: ele cria o *passado*, que não existia antes dele, e, conjuntamente, cria também um *futuro* que lhe é relacional. Buscamos entender como o acontecimento emergiu do passado para tentarmos controlar que acontecimentos similares ocorram ou não no futuro. Nas entrevistas que realizei, os jogadores contavam suas próprias trajetórias com o futebol e, com isso, elencavam seus próprios passados para explicar como chegaram até o momento atual. Pedro (Bharbixas, 2018), Lúcio (Bharbixas, 2023) e Eduardo (ex-ManoTauros, 2023), por exemplo, compartilharam comigo um pouco das suas histórias, e cada uma delas têm suas próprias peculiaridades.

Eu sempre gostei de jogar futebol, desde que quando eu era bem pequenininho. Meu pai me colocou na escolinha de futebol quando eu era criança. Eu acho que devo ter sido uma das poucas crianças viadas que não sofreu trauma de ser colocado na escolinha. Eu odiava as pessoas que jogavam comigo na escolinha, eu odiava o ambiente, odiava tudo. Tanto é que, na

época, eu gostava de fazer o treino tático. Que o treino tático era aquela coisa: eu, a bola e o circuito pra fazer, e aí eu tava joia ali. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Já quase [ênfase no “quase”] rolou, ali, uma proposta de profissionalizar. Teve algumas propostas de ir fazer teste, e eu acabei não indo fazer também, porque... questões familiares, na época, também. Então, era muito sério o futebol na minha vida. Sempre foi, né? Então, eu tinha como um refúgio o esporte, o futebol em si. Joguei pelo time da minha cidade, representando minha cidade. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

E foi desde criança que eu jogava futebol. Porém, quando fui chamado para a Seleção Mineira, infelizmente, meus pais, por conta dos estudos, não deixaram eu ir para Santa Catarina disputar o Brasileiro. E isso, juntamente com a minha altura, que para goleiro profissional é baixa, atrapalharam minha sequência. Então ingressei no futebol amador, onde jogo até hoje. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Roberto (Bharbixas, 2018) foi mais atrás para buscar explicar os acontecimentos atuais. Ele voltou à origem do futebol para falar de como o futebol LGBTQIAPN+, naquele momento, estava mais organizado em outros lugares em relação ao Brasil: “então, a Inglaterra, eles tão parece que mais avançados do que todos nós nesse ponto. Eles criaram o futebol também, né? Os ingleses”. Também Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relacionou o que estava acontecendo com um momento histórico importante para o movimento LGBTQIAPN+: “quando... 69, né, a gente teve a Revolução de Stonewall.

E a gente foi adquirindo direitos aos poucos mesmo. Eu acho que é como caminha a humanidade, né? Então, a gente vai evoluir. A gente tá evoluindo”.

Por outro lado, olhando para o futuro, Ângelo (ManoTauros, 2018) parecia demonstrar a consciência de que estava no meio da vivência de um acontecimento, a formação do ManoTauros, e que ele poderia assumir outros caminhos mais à frente: “pode ser que daqui a um mês cê pergunte, eu falo: “ih... mudou tudo!” Porque tá muito no início”. Já Lúcio (Bharbixas, 2023) acreditava que a LiGay ainda se tornaria mais inclusiva, já que vinha contando quase que exclusivamente apenas com homens gays: “mas que eu acredito, e a gente vai chegar lá. É só ter paciência, como a gente sempre teve pra chegar até aqui”. Algo que alguns dos jogadores também apontavam como desejo e perspectiva para o futuro é o próprio fim do futebol LGBTQIAPN+, pois isso significaria que ele não seria mais necessário, e todo o trabalho que eles estavam fazendo para incluir pessoas LGBTQIAPN+ no futebol já estaria concluído. É isso o que, em grande medida, fez com que os times comessem a participar de campeonatos convencionais, por exemplo.

A minha maior expectativa é que não precise existir a LiGay mais, ou, se existir a LiGay, que seja só como algo de boas lembranças que a gente teve, de um período que a gente precisou lutar. Que as pessoas possam ser quem elas são e possam praticar o esporte da forma que elas querem, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Apesar de os acontecimentos importantes serem geralmente *inesperados*, mesmo os acontecimentos *esperados* fazem surgir algo novo. É o caso do aniversário de um ano do BhARBixas no Mineirão, por exemplo, que levou a uma nova visão dos jogadores sobre as possibilidades do futebol LGBTQIAPN+. As configurações de acontecimentos programados também carregam significados. Na 5ª edição do Champions LiGay, por exemplo, a drag queen que acompanhava o BhARBixas foi a apresentadora. Colocá-la para assumir esse papel foi colocá-la num lugar de destaque e protagonismo dentro da LiGay, mesmo que ela não fosse uma jogadora. Isso mostra que há mais agentes envolvidos nesse fenômeno do que apenas as pessoas que jogam. A forma como a abertura oficial do evento ocorreu também mostra uma forma subversiva de lidar com as formalidades. A drag queen que estava apresentando disse: “a LiGay está oficialmente aberta, caralho!” Em seguida, foi tocado o Hino Nacional remixado como funk.

Por mais que o aniversário de um ano do BhARBixas no Mineirão tenha sido programado, o convite do estádio foi, em si, uma surpresa. Isso por causa da importância desse espaço, o que revelava um reconhecimento muito grande e rápido do futebol LGBTQIAPN+. Do mesmo modo, a vitória do BhARBixas no 1º Champions LiGay também foi uma surpresa, porque o time era subestimado.

A gente foi denominado como o time afeminado que ia *participar*. A gente tava indo só participar. Então, daí, já começou um certo preconceito também, infelizmente do: “ah... o time afeminado tá vindo jogar, então eles tão vindo participar [ênfase em “participar”], eles não tão vindo pra competir”,

quando, na verdade, [voz de riso] o time afeminado foi o que ganhou. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Esse acontecimento fez com que os significados em torno da afeminção tivessem que ser revistos pelos outros times. Na verdade, Lúcio (Bharbixas, 2023) contou que a própria formação do time superou qualquer expectativa que ele tivesse: “a gente criou... eu criei um grupo no *WhatsApp* e na primeira pelada já deu 25 pessoas. E, aí, a gente falou... Eu fiquei abismado com aquilo”. É interessante como, nesse trecho, ele misturou o “eu” com o “a gente” demonstrando uma vivência individual e coletiva dessa experiência. Ele explicou como esse processo se estendeu até ganhar a mídia. Com isso, ele inseriu o acontecimento numa lógica causal e numa ordem temporal.

Voltei pra casa, assim, atônito. Eu falei: “meu Deus, o que tá acontecendo, então?”, né? “é uma coisa real”, né? E, daí pra frente, então, foi crescendo, foi chegando mais pessoas, mais pessoas. E, aí, surgiu o convite pra participar da LiGay. E, aí, a gente conseguiu ganhar o primeiro campeonato. E, aí, deu um boom midiático enorme [ênfase em “enorme”]. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Os acontecimentos fazem com que revejamos nosso *horizonte de expectativas*, redefinindo o que achávamos que fosse ou não possível. Apesar de o desenvolvimento do futebol LGBTQIAPN+ no Brasil ter sido um processo progressivo, o boom de times ocorrido em 2017 é geralmente referenciado pelos jogadores como uma surpresa, como algo que, inicialmente, eles não imaginavam que acontecesse.

ria. Lúcio (Bharbixas, 2023) demonstrou como o Bharbixas também superou diversas marcas que ele não acreditava serem possíveis.

Bharbixas conseguiu alguns feitos, assim, que nunca passou pela minha cabeça, como a gente jogar num estádio que já foi sede de Copa do Mundo... o primeiro time LGBT a ter esse feito. A gente ganhar também o primeiro campeonato LGBT, que na época era gay, hoje é LGBT, que era a LiGay, a liga nacional. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

A compreensão do acontecimento pede a sua inserção em uma *lógica causal* e numa *ordem temporal*. Ao realizarmos esse exercício de reconstrução, tornamos o acontecimento previsível ao contrário, olhando para o passado, e nos tornamos profetas dele em retrospecto. Nesse sentido, Quéré defende que o passado é tão hipotético quanto o futuro. No entanto, por mais que o acontecimento seja imprevisível, percebemo-lo de forma mais ou menos roteirizada, pois logo tentamos responder para nós mesmos o que está acontecendo. O tempo do acontecimento não é o mesmo do fato, não podendo ser datado da mesma forma que ele, pois o acontecimento se estende para além do momento da ocorrência. Olhando para o estado gerado pela criação dos times de futebol LGBTQIAPN+, Pedro (Bharbixas, 2018) fez uma avaliação do cenário criado.

Às vezes, um sentimento que eu tenho, constantemente, do tanto que nós estamos organizados, sabe? A gente sai de uma assembleia do time, e eu fico assim: “gente, a gente é organizado... A gente faz assembleia, todo mundo bonitinho, senta-

dinho, bonitinho... Tem os comitês. A gente de fato tá fazendo as coisas”. E é uma coisa maior que só o Bharbixas, sabe? Nacionalmente também. Os outros times tão organizados. O discurso é muito coeso. A organização me surpreende, é uma coisa que me surpreende no time. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Cláudio (ManoTauros, 2023) fez uma revisão sobre como foi a pandemia enquanto acontecimento vivido pelo time: “na pandemia, tudo ficou fechado, né? Então, assim, não tinha treino, não tinha nenhuma atividade esportiva, fechou totalmente”. Depois, ele refletiu sobre as consequências disso: “atrapalhou sim. Tanto é que nessa última que teve campeonato, esse que a gente não participou, foi devido a ter paralisado, todo mundo ter ficado parado. O pessoal deu meio que uma esfriada, entendeu?” O começo e o final de um acontecimento não são dados por sua *dimensão existencial*, mas pelos discursos e narrativas sobre ele (*dimensão discursiva*). É preciso o mínimo de distanciamento do tempo do acontecimento para entender o que de fato ocorreu. Além disso, um acontecimento maior pode ir se desmembrando em acontecimentos menores ou *microacontecimentos*. Lúcio (Bharbixas, 2023) apontou para os desdobramentos do processo de ascensão do futebol LGBTQIAPN+ ocorrido em 2017. Trata-se da continuidade de criação de novos times: “e, aí, deu muito certo, tem dado muito certo. E, hoje, existe mais de 80 times no país. São muitos times mesmo. Então, esse movimento, a gente tem percebido que tá acontecendo internacionalmente também em outros países. Muitos times tão sendo criados e tal”.

Na trajetória dos indivíduos, a experiência dos acontecimentos é geradora de identidade. O acontecimento é como uma *travessia*,

que transforma os sujeitos afetados por ele. Ele gera transformações tanto no mundo quanto nos sujeitos que o experimentam. Essa ideia era frequentemente inferível na reflexão dos interlocutores entrevistados. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, é um jogador que se afirmava completamente transformado pela experiência com o futebol LGBTQIAPN+.

Eu nunca pensei que o futebol, que me excluiu a vida inteira e me ensinou a excluir... Eu vendo meus *tweets* antigos quanto eu era machista e homofóbico usando o futebol como uma capa. O próprio futebol me ensinou a incluir, me ensinou a aceitar. Então, tipo assim, pra mim, foi completamente transformador ter contato com essas pessoas. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Nesse cenário, o Bharbixas também era especialmente transformador para aqueles que só tiveram contato com o futebol pela primeira vez através do time. Afinal, a negação de acesso a esse esporte é uma experiência traumática compartilhada por muitas crianças LGBTQIAPN+.

Outro aspecto do acontecimento é a formação de *públicos* que não haviam sido inicialmente previstos nesse processo. A participação dos times em campeonatos convencionais, por exemplo, transformou os membros de “times hétero”, contra os quais disputavam, em um novo público. Os públicos do acontecimento são as coletividades afetadas por ele. Eles não estão dados a priori, mas sim constituídos em torno dos coletivos que respondem ao dado acontecimento. Além disso, os sentidos que cada público faz do acontecimento

podem ser diferentes. Nesse caso, por exemplo, os “times hétero” em questão certamente não interpretavam os acontecimentos narrados pelos sujeitos entrevistados da mesma maneira. Segundo os entrevistados que já participaram de campeonatos convencionais com seus times, inicialmente os jogadores de “times hétero” viam a possibilidade de jogar contra times LGBTQIAPN+ como uma piada, mas, posteriormente, eles aprendiam a respeitá-los. A experiência de estar em um time convencional e jogar pela primeira vez com um time LGBTQIAPN+ é vivida apenas por esse público.

A 5ª edição do Champions LiGay também acionou diferentes públicos além dos times e suas torcidas. A ex-candidata a senadora Duda Salabert, que viria se tornar vereadora de Belo Horizonte em 2021 e deputada federal em 2023, por exemplo, subiu no carro de som na abertura do evento e foi aplaudida. Duda terminou sua fala dizendo: “você estão fazendo aqui mais que esporte, você estão fazendo política.” Um representante da Prefeitura de Belo Horizonte também tomou a palavra. As Mães pela Diversidade⁴⁵ também falaram após o fim das performances de abertura dos times.

O surgimento do futebol LGBTQIAPN+ trouxe à luz a necessidade de pessoas cis e hetero também pensarem na temática da inclusão no futebol, como apontou Roberto (Bharbixas, 2018): “se não fosse ter um campeonato gay, não teria visibilidade, não teria discussão, a gente não taria falando disso”. O acontecimento, tanto no momento de sua vivência, quanto a partir de seu relato, pode dar a ver *campos problemáticos*: “os acontecimentos ganham um lugar em cam-

45 ONG formada por mães e pais de pessoas LGBTQIAPN+.

pos problemáticos e servem, pelo seu poder de esclarecimento e de discriminação, de pivôs dos inquéritos que procuram e elaboram soluções” (Quéré, 2005, p. 72). Com isso, pode surgir um *problema público* a ser resolvido pela coletividade. No caso, a urgência de lidar com a homofobia no futebol.

MEMÓRIA E NARRAÇÃO

As narrações são uma forma de rememorar acontecimentos, analisá-los e colocá-los numa *ordem cronológica e causal*. Por isso, podemos esperar que acontecimentos sejam importantes elementos em uma *trajetória* a ser narrada, e que os momentos apresentados nos relatos sejam demarcados por eles. As narrações criadas no processo de rememoração são uma seleção mais ou menos arbitrária de elementos. Afinal, não é possível reproduzir o tempo vivido no tempo da linguagem que o representa. Dessa forma, ocorre uma redução que faz com que uma vida inteira possa ser contada em alguns minutos por meio da narração. Contudo, a redução da narração não é um problema, mas uma necessidade do processo de compartilhamento da experiência. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) demonstrou como a sua trajetória com o futebol, desde novo, é composta por uma série de acontecimentos que ele encadeia uns com os outros.

Eu comecei jogar desde muito cedo. Aos 12 anos, eu saí de casa. Fui morar em Salvador. Eu sou do interior de Pernambuco. Fui fazer um teste no Vitória da Bahia. Acabei passando e fui ficando. Aos 16 anos, eu resolvi voltar pra minha cidade.

Fui jogar num time profissional, só que nas categorias de base ainda. E, em 2004, surgiu uma oportunidade de eu fazer o teste no Cruzeiro, em Belo Horizonte. Fui fazer teste, passei e fiquei na categoria de base do Cruzeiro. E, aí, eu tive uma lesão e acabei sendo dispensado e comecei a rodar por times profissionais do interior de Minas. Então, eu morei em várias cidades: Três Corações, Lavras, Tombos, Conselheiro Lafaiete. A vida do futebol, principalmente em equipes pequenas... Cê tá seis meses numa equipe, três meses em outra, dois meses em outra. E a vida é assim, é meio que uma vida nômade. De você ter que tar indo, voltando, morando na cidade, dividindo alojamento com 15, 10 pessoas. Muitas vezes você sai de um clube, não recebe. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

A representação é redutora, fazendo um trabalho de *síntese*, que não apenas condensa momentos tidos como semelhantes entre si em torno de uma mesma unidade narrativa, como também suprime experiências consideradas irrelevantes na trajetória narrada. Toda narração segue esse padrão, apresentando *elipses* e *condensações*. Na verdade, essa lógica está por trás de toda a nossa relação cognitiva com o vivido. Não somos capazes de apreender a experiência senão por *generalizações*. Não só não conseguimos narrar todos os segundos de nossa vivência, como sequer conseguimos nos lembrar deles. Nesse processo, além das supressões e sínteses, lidamos com *contradições* da memória que procuramos resolver de forma ativa, no intuito de dar sentido à própria compreensão de nossa história. Ao serem relatados, os acontecimen-

tos podem ser recombinaados e reorganizados pela *imaginação*, e podemos relacioná-los a outros acontecimentos.

Em um momento da minha conversa com Lúcio (Bharbixas, 2023), ele demonstrou estar selecionando os elementos narrativos que ele acionaria para responder a minha pergunta, que era sobre sua história com o futebol: “essa pergunta sempre me pega, assim... e como eu começo a contar sobre isso, né?” Ao narrar sua trajetória, no entanto, ele acionou elementos não só do futebol, mas também da sua sexualidade como elementos que se intercalavam até chegar no momento atual.

Desde muito novinho, eu me descobri um homem gay, né? Então, muito novinho, assim mesmo, seis anos de idade, assim. E foi muito marcante. Tiveram alguns episódios que me marcaram nessa época. Desde os seis anos, eu comecei a perceber que eu era diferente, né? Não vou dizer que eu tinha plena consciência do que era a sexualidade naquela época, porque não, porque era um tabuzão na época, né? Ainda é hoje, mas, naquela época, era mais ainda. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Nas *narrações biográficas*, os indivíduos tentam construir uma ideia de totalidade em torno de seu eu. Entretanto, um eu coerente – com uma trajetória única, que dá sentido à sua existência – é uma abstração que encobre sua fragmentação. Assim, para construir uma identidade coerente em sua narração, a memória do sujeito torna-se, como define Verena Alberti (2004, p. 27), o “resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante

para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade”. Nesse sentido, Aliberti defende que a busca pela identidade passa pela não contradição e pelo esforço de ser igual a si mesmo. Mas a memória a todo tempo nos traz fios soltos, embolados, que vão contra essa busca, e o processo de narração promove uma organização do que julgamos ser as versões corretas da memória, que são as que vão ao encontro de uma *história única*, que encerra os mesmo sentidos. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) evidenciou como a memória estava ligada à sua relação com o futebol e dava coerência à sua identidade.

Toda vez que eu tenho alguma lembrança de infância, ela é muito relacionada ao futebol em geral. Apesar de, na minha família, não ter ninguém que jogasse futebol, eu sempre gostei e sempre me identifiquei. A primeira vez que eu vi um jogo de futebol foi uma sensação meio que indescritível, assim, a primeira vez que eu fui no estádio. Eu lembro do jogo ainda. Fui com a minha mãe. Era uma seleção da minha cidade, na cidade que eu nasci, lá no interior de Pernambuco, contra outra seleção da cidade que a minha mãe nasceu. E, aí, eu lembro de ver aquelas pessoas no estádio, e foi uma sensação tão boa, tão incrível, assim. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ao longo do processo de rememoração, aproximamos e relacionamos pontos de nossa trajetória não necessariamente correlacionados no momento próprio da experiência, por identificarmos uma relação de continuidade, afinidade ou quebra entre eles. De todos os

elementos de nossa vivência, selecionamos alguns, trazendo-os para o primeiro plano, e deixamos os demais desfocados, através do trabalho da linguagem. Há *acontecimentos cotidianos*, aos quais não damos muita importância, e aqueles que se tornam referência na nossa trajetória de vida, gerando rupturas e novos inícios. Os acontecimentos, no sentido das ocorrências que se destacam em uma trajetória, definem o que é crítico em relação ao todo.

Alberti argumenta que a reconstrução do passado passa pela construção de metáforas e metonímias que dão sentido à experiência e permitem comunicá-la. *Metáforas* são processos de comparação, em que uma imagem busca dar conta de representar uma experiência; e *metonímias* são processos em que tomamos parte da própria experiência para representar o seu todo. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, usou algumas metáforas interessantes para explicar o papel que o Bharbixas teve na sua autoaceitação.

Eles foram a *gota* que precisava *da água*, a *cereja do bolo*, eles tocaram um lado meu que eu ainda não tinha me tocado. Eu não me aceitei por causa deles. Eu me aceitei por causa dos meus amigos, que sempre me acolheram muito bem [...] mas eles foram importantíssimos na aceitação. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Assim, para ele, a experiência com o Bharbixas havia sido o ponto final, o cume de um processo que havia começado muito antes. Já Lúcio (Bharbixas, 2023) recorreu, na seguinte fala, a uma metonímia, um episódio específico para representar um processo mental mais amplo que ele vivia: “teve até uma fala muito marcante que eu escutei

algum determinado momento da minha vida, que foi: ‘ah, o Lúcio não é gay não, ele joga bola bem e tal’. Na minha cabeça não entrava, dava um nó, assim: ‘gente, mas o que que tem uma coisa a ver com outra?’” Esse raciocínio que ele aponta não havia se dado exclusivamente em torno desse episódio. Até mesmo o tempo verbal utilizado indica isso. Ele afirmou que isso não “entrava” em sua cabeça, como um processo, ao invés de “entrou”, que estaria indicando algo acabado.

Os sentidos e explicações que surgem do acontecimento são da ordem da representação, da imaginação. O passado tem natureza representacional, discursiva. Além disso, ele está sempre em relação ao presente. É com os olhos do presente que olhamos para o passado. A pessoa que se lembra do seu passado não é mais a pessoa que vivenciou os acontecimentos, e isso faz com que ela leia o passado de forma diferente do que lia quando o vivenciou. Seis anos após a cisão do Bharbixas com o ManoTauros, Lúcio (Bharbixas, 2023) olhava para esse acontecimento com os olhos de então: “eles tiveram os motivos deles e muito plausível. Então, isso é história passada, já ficou no passado, já tá tudo resolvido”.

Alguns *relatos de memória*, ao revelarem acontecimentos até então desconhecidos, podem tornar-se, em si, *novos acontecimentos*, desestabilizadores, evocadores de explicações sobre o passado e impulsionadores de ações. Os relatos carregam em si uma possibilidade de provocar ações como resposta a eles. Uma das ações desencadeadas pela memória, enquanto acontecimento, é a *disputa* pela definição do passado. Essa disputa inclui aquilo que é lembrado e o que é deixado de fora de sua construção e, por isso, liga-se a um enquadra-

mento da memória. O próprio narrador tem uma intenção ao produzir seu relato, vendo nessa atividade determinada utilidade e tendo em mente, portanto, uma ação que ele pretende desencadear.

Curiosamente, em geral, os discursos dos jogadores entrevistados são bastante convergentes em relação às narrativas dos eventos passados. Em certo grau, a ênfase no motivo da cisão entre BhARBixas e ManoTauros é algo que destoa um pouco, com Pedro (BhARBixas, 2018), por exemplo, dando um foco maior nas divergências em torno da manifestação de gênero, e Ângelo (ManoTauros, 2018) nas questões sobre competitividade e inclusão. Mas, apesar disso, ambos consideram as duas vertentes de significação, ainda que em diferentes medidas.

Entre os diferentes tipos de acontecimento, estão aqueles que ocorrem independentemente de nossa vontade e aqueles que *provocamos*, na maioria das vezes com um objetivo estratégico. A grande maioria dos acontecimentos em torno do futebol LGBTQIAPN+ se encaixam nessa categoria, tendo sido provocados para atingir seus fins, especialmente, é evidente, a inclusão de pessoas não cisheteronormativas no futebol. É o caso do aniversário de um ano do BhARBixas no Mineirão, por exemplo. O seu caráter planejado fez com que fosse possível decidir com antecedência o que e como algumas coisas ocorreriam durante ele, como a estreia de um novo uniforme, por exemplo. Um acontecimento dessa natureza pode ser planejado até mesmo visando as oportunidades que se pode ter nele. Nesse caso, por exemplo, estavam sendo vendidas as camisas de uniforme do BhARBixas, tanto a antiga quanto a nova – uma forma de divulgar o time e, ao mesmo tempo, rentabilizá-lo.

Nas narrações, muitas vezes os sujeitos têm *intenções* por trás da exposição de suas memórias, inclusive a intenção de que seu relato *gere ações*. Dessa forma, podemos pensar que a narração pode ser, ela mesma, um acontecimento intencionalmente provocado, visando a disputa pelo sentido do passado e almejando determinadas consequências. Sem o acontecimento, o que ele revela permaneceria desconhecido. Isso vale também para a narração. Olhando para trás, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) tentou explicar os motivos pelos quais a 5ª edição do Champions LiGay não saiu como planejado. Para isso, ele fez algumas atribuições de responsabilidades para outro agente: a prefeitura de Belo Horizonte.

Foi muito trabalhoso. [risos] Foi, pelo menos, 1 ano de trabalho. E, no final das contas, a gente teve alguns estresses. Por exemplo, a questão do campo, que a Prefeitura ficou de entregar o campo pra gente uma determinada data. Não entregou o campo naquela data. Era um campo que tava passando por obras. Então, assim, a gente teve alguns problemas, e choveu muito [ênfase em “muito”] no final de semana. Então, a gente teve alguns problemas, por exemplo, com essa de obra, de lugares que tavam com muita lama. Então, assim, foram coisas que a gente teve que superar. A gente trabalhou pra caramba, não ficou 100%. Mas foi bom também. Foi muito bom. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

É possível vivenciar o acontecimento diretamente no momento de sua ocorrência, ou através do que nos chega a seu respeito. Pode-

mos pensar que, antes de um acontecimento ser relatado, ele terá sido vivenciado apenas pelos sujeitos capazes de produzir relatos sobre ele, mas, depois de uma narração em que o acontecimento vem à tona, esse novo acontecimento – o relato – permite que outros sujeitos tenham acesso indireto ao acontecimento lembrado, o que pode transformar uma narração num “meta-acontecimento”, ou seja, um acontecimento que dá a ver outros. Como aponta Louis Quéré (2012, p. 37), “a experiência do acontecimento é também uma experiência de acontecimentos-objetos que solicitam nossa atenção em diversos graus. A recepção desses acontecimentos configurados no universo do discurso não deixa de ocorrer no domínio da experiência”.

Em determinado momento da minha conversa com Roberto (Bharbixas, 2018), ele demonstrou um esforço de puxar pela memória mais elementos do que ele já havia me contado: “eu tou tentando me recordar se eu lembro de mais alguma coisa que ele [Lúcio] me falou, mas eu acho que não, eu acho que foi basicamente assim que começou [o Bharbixas]”. A memória, nesse caso, é, na verdade, a memória de uma memória, já que ele tentava me contar algo que havia sido contado para ele anteriormente por Lúcio, que foi quem vivenciou o ocorrido, uma vez que Roberto (Bharbixas, 2018) não fazia parte do Bharbixas desde os seus primeiros encontros.

Quéré (2012, p. 24) propõe que o acontecimento tem duas vidas, a do *acontecimento existencial* e a do *acontecimento-objeto*, diferença que ele explica da seguinte forma: “os acontecimentos como mudanças contingentes que se produzem concretamente no nosso entorno, portanto, os acontecimentos existenciais, e os

acontecimentos como objetos (objetos de consciência, de pensamento, de discurso, de investigação e de julgamento)”. Dessa forma, o acontecimento tem a *primeira vida*, que é a da ocorrência do fato, e a *segunda vida*, que é adquirida por ele através da narração. Inclusive, ela pode acontecer por meio da *mídia*, com a produção de reportagens e matérias jornalísticas sobre o acontecimento existencial, como as tantas que os membros do Bhambixas entrevistados apontam já terem saído.